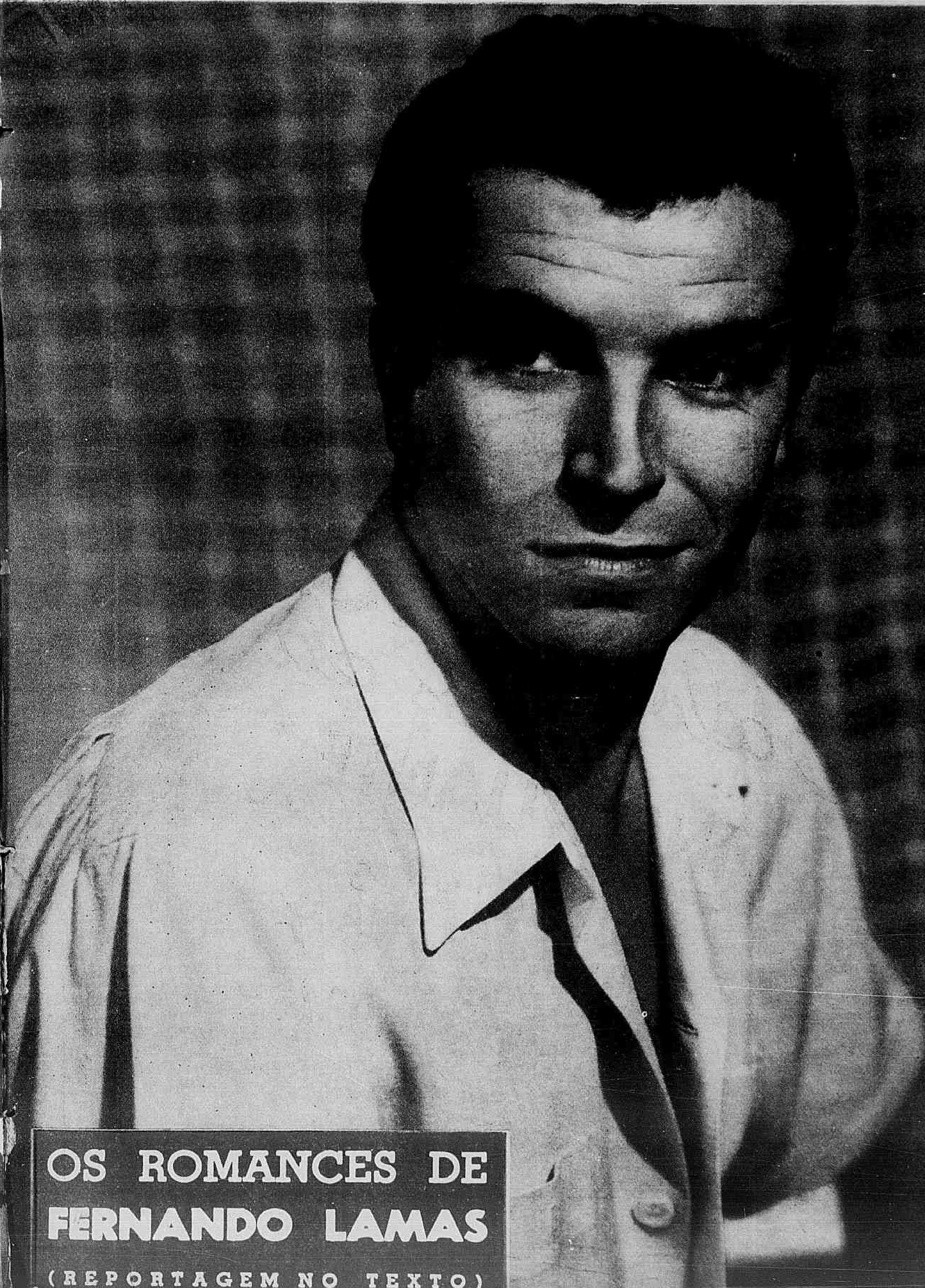
A CENA MUDA

O simplório Audie Murphy
OS "ASTROS" E A TERCEIRA DIMENSÃO!
Teatro — Novidades — Cinema Nacional
Cine-romance: "A CRUZ DA MINHA VIDA"

Nº 37 ★ 9-9-53 ★ Cr$ 4,00 EM TODO O BRASIL



OS ROMANCES DE FERNANDO LAMAS
(REPORTAGEM NO TEXTO)

Um acontecimento na cidade! **insinuante** está aniversariando



Salve os 23 anos da

INSINUANTE

A sapataria mais querida da cidade

MUITAS FLÔRES
MUITA ALEGRIA
E PREÇOS
BARATÍSSIMOS!

AT. SEMOG/.

CONVERSA da Semana

CONGRESSO DE CINEMA

Uma experiência ficou do último Congresso do Cinema Brasileiro, que foi o primeiro: muita coisa deve ser feita o quanto antes e nada até agora se resolveu quanto aos pontos concretos das resoluções e recomendações daquele conclave que reuniu gente que faz cinema no Brasil.

O segundo Congresso está em preparativos para ser montado em São Paulo, onde também se realizará o Festival de 1954, e a propósito dêsse Festival, convém frisar que ao Congresso caberá uma parcela de responsabilidade pelo sucesso do cinema brasileiro, pois o conclave reforçará a posição de nossa indústria fílmica.

Falando sem paixão e claramente, vemos que do primeiro Congresso ficou uma lição duramente aprendida. Não se pode confiar nos sorrisos de muita gente que dali saiu prometendo ajudar a cinematografia brasileira pelos meios ao seu alcance. Os filmes nacionais continuam sofrendo as dificuldades de uma distribuição acanhada, e as leis raramente são compridas. Ficou a impressão muito nítida de que o primeiro Congresso era uma simples amostra que essa gente resolveu por mal não levar em conta.

Discutiu-se durante o primeiro Congresso uma série de providências imediatas para salvaguardar os interêsses do filme nacional, e de quem a êle se dedica, mas são passados trezentos e sessenta dias e nada de concreto foi conseguido.

O falecido Moacir Fenelon, um dos pioneiros do primeiro Congresso, lutando doente pela sua reálização e gastando nêle, as suas últimas fôrças, sucumbiu sem a alegria muito justa de ver alguns de seus anseios (que de resto são de todos os que mourejam na indústria de filmes no Brasil), alcançados.

Êle foi muita vez à Câmara dos Deputados para debater com os membros da Comissão de Cinema e Teatro a conveniência de dar andamento ao projeto do I.N.C., que apesar de todos os seus erros, se aprovado, será pelo pelo menos a primeira vitória prática dos trabalhadores (técnicos e artistas) da indústria cinematográfica nacional.

Moacir Fenelon fará muita falta no segundo Congressó e sem a sua voz é possível que apareçam os pontos vulneráveis por onde os inimigos procurarão atacar, cientes de que não teremos aquela energia que o falecido cineasta sabia irradiar, apesar de cômbalido pela doença que acabou extinguindo a chama que alimentava sua vida de lutas e pequenas vitórias no cinema brasileiro.

Conversamos com Fenelon alguns meses antes de sua morte e êle deixou bem claro que tinha suas dúvidas quanto à aprovação em tempo suficientemente curto do projeto do I.N.C., que se arrasta no plenário da Câmara, sem que uma voz venha chamar a atenção da casa para tão importante indústria, carecendo todos os representantes do povo de ampará-la convenientemente.

Vamos para o segundo Congresso em São Paulo, com certeza de que todo o empenho será pouco para o muito que deverá ser conseguido nesse conclave que vem de certo modo confirmar as medidas recomendadas pelo primeiro.

A campanha nos empolga e a luta que sabemos à nossa frente, não nos amedronta. Temos mêdo ùnicamente do otimismo em demasia, o que ficou patente ao encerrar-se o primeiro Congresso, que aparentemente consolidara a indústria de filmes no Brasil.

GENTE...



Elizabeth Taylor que vem de conhecer tôda a alegria da maternidade, reiniciou sua carreira filmando «Elephant Walk», a película não terminada por Vivien Leigh, por culpa de uma crise de nervos . . .



Zachary Scott, que foi durante tempos, o mais discutido vilão de Hollywood, anda afastado dos filmes. Ninguém sabe explicar o motivo e nem mesmo Zachary Scott gosta de falar sôbre o fato . . .



Judy Garland, que já foi a menina famosa do cinema quando estreou com Mickey Rooney, é o sucesso atual da Broadway e volta a Hollywood filmando «Nasce uma Estrêla», na Warner . . .

A CENA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

TELEFONES

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818, N. Whitley — Av. — apt. 202, Hollywood, 28, California.

EM S. PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69, Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

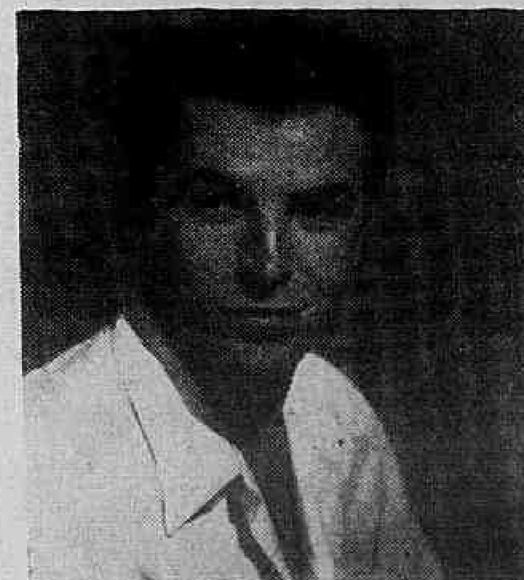
ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — **Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.**

SUMÁRIO

Conversa da Semana — Gente ... 3
Cinema nacional em foco 4
Os romances de Fernando Lamas 5/ 7
Mara Abrantes, a moreninha do cinema brasileiro 8/ 9
Cine-trailer: «Minha Vida te Pertence» 10
Cine Variedades 11
Rosa Carmina 12/13
O simplório Audie Murphy 14
Cine-romance: «A Cruz de Minha Vida» 15/17
A moda se renova em Hollywood 18/19
Rádio 20/21
A vida do cinema 22
Os «astros» e a Terceira Dimensão 23/25
Bastidores 26/27
Cine-novela: «Somos Todos Assassinos» 28/29
Sucessos musicais 30
Um pouco de Ann Vernon 31
Página do Leitor 32/33

NOSSA CAPA



Fernando Lamas, o «astro» argentino que tanto sucesso vem alcançando com seus romances em Hollywood, conta a história dêsses amôres nas págs. 5, 6 e 7.



Célia Helena, uma nova figura do cinema brasileiro, aparece aqui numa cena do celulóide da Multifilmes, «Fatalidade», com a «estrêla» Angélica Hauff. Célia é uma pequena talentosa que espera fazer carreira nos estúdios de Mairiporã. (Foto Multifilmes).

CINEMA NACIONAL EM FOCO

UMA EQUIPE inteira da Vera Cruz está no Sul filmando os exteriores de "Ana Terra", extraído do romance homônimo de Érico Veríssimo e um novo trabalho de Direção de Adolfo Celli, com a "estrêla" Tônia Carrero. Segundo o próprio Celli, "Ana Terra" será um filme de grande pretensões dentro da produção da Cia. de São Bernardo do Campo.

★

DÁ-SE COMO certa a mudança dos estúdios da Atlântida, das Laranjeiras para São Cristóvão. Todos afirmam que a Cia. do Sr. Ribeiro espera ativar sua produção antes do fim do ano, embora tenha mesmo muita fé com "Nem Sansão, Nem Dalila".

★

FINALMENTE ESTREOU "Luzes na Sombras" o filme de Ortiz e Heladio Fagundes. Ninguém fala bem da película, o que é uma pena !

★

JOSÉ LEWGOY PARA salvar uma situação difícil da empresária Luísa Barreto Leite, no Teatrinho de Bôlso, em Ipanema, aceitou um pequeno papel na peça "O Homem, a Bêsta e a Virtude", filmada aliás na Europa, com Orson Welles num dos personagens.

★

PROSSEGUEM OS preparativos, cada vez mais ativos, para o Festival de Cinema do Distrito Federal. Foram inscritos como filmes concorrentes aos prêmios; "Sinfonia Amazônica", de Anélio Latini Filho e "Agulha no Palheiro", de Alex Viany. O pessoal do meio andou se manifestando contra o Festival, o que deve ser levado na conta de um absurdo !

★

ATÉ AGORA Milton Rodrigues não se manifestou se desistiu ou não do propósito de filmar "A Vida Como Ela É", argumento extraído das crônicas que Nelson Rodrigues escreve diàriamente na imprensa carioca. Antônio Olinto, ao que parece, dirigirá um dos episódios. Alex Viany também foi convidado para dirigir uma das partes dêsse filme que será em episódios.

★

SYLVIA FERNANDA está fazendo carreira na Vera Cruz. Após "Na Senda do Crime" foi convidada para um papel na fita de Salce, "Floradas na Serra" e já está em Campos de Jordão participando das filmagens em exterior da mesma película. Seu romance com Miro Cerni continua de vento em pôpa...

★

ALBERTO RUSCHELL abandonou o cinema, segundo se diz de São Paulo, desgostoso com a escolha dos intérpretes principais de "Floradas na Serra". Alberto gostaria de dedicar suas atividades artísticas no rádio, fugindo um pouco ao saturado ambiente do cinema brasileiro. Não deixa de ter suas razões...

SABE-SE que a FLAMA prepara-se para rodar uma película carnavalesca e a direção ao que se comenta não seria de Alex Viany, agora em negociações com os Irmãos Bloch para filmar "Estouro na Praça", idéia do falecido Moacyr Fenelon. Falando em Fenelon, convém lembrar que será prestada uma homenagem ao pioneiro do cinema nacional durante o Congresso que se vai realizar em São Paulo.

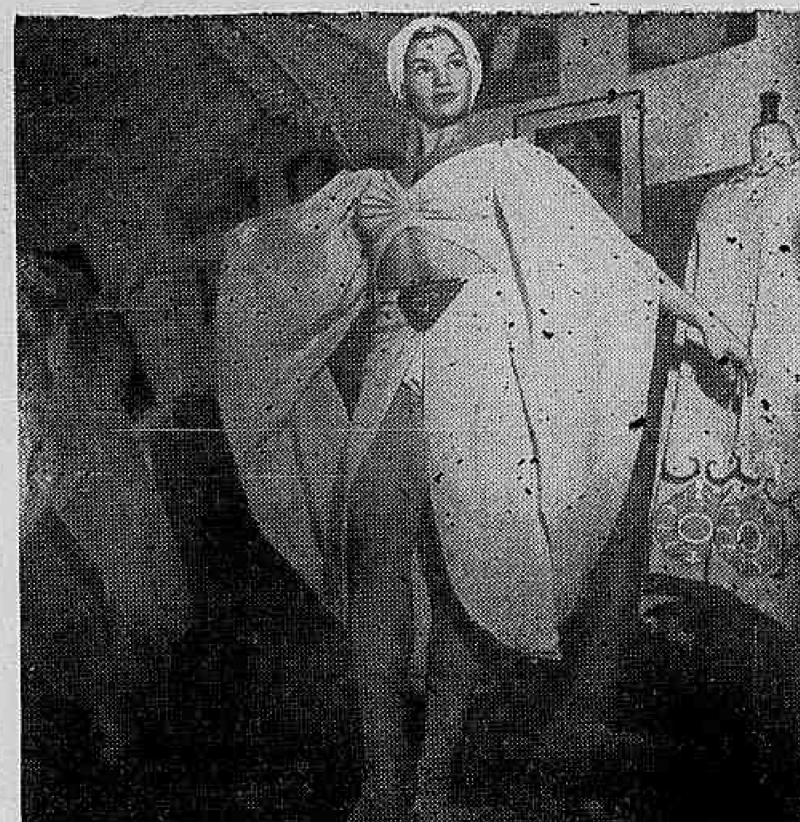
ANDRÉIA BYARD, uma garôta que tem uma plástica admirável, estaria sendo pretendida para o elenco permanente da Vera Cruz. Andréia filmou "Sangue no Amazonas", para os americanos. E' jovem, loura e muito bonita, predicados que ajudam qualquer criatura a subir...

★

NA MULTIFILMES Mário Civelli coordena a produção de "Música Sem Nome", para José Carlos Burle dirigir com Angélica Hauff e Luigi Pichi. Também está em fase de preparativos o novo filme de Procópio, "A Sogra", para Sérgio Brito iniciar-se nos mistérios da Direção. Em preparo: "Invasão no Paraíso", possìvelmente entregue a Bernard Rolland, um francês que veio descobrir o cinema brasileiro...

★

PARTIU para Paris, finalmente, Jader de Lima, que enviará algumas reportagens sôbre o cinema francês. Aproveitará as férias para ultimar seu tão anunciado argumento "Um Rastro de Sangue", sôbre o cangaço no interior do Brasil. Antes tarde do que nunca...



Esta é Gene de Marco, uma garôta de muitas curvas e muito simpática, «estrêla» de revistas e que aparece num bom bapel na comédia «Nem Sansão, Nem Dalila», da Atlântida.



O sorridente galã Cyll Farney nunca se nega a dar um autógrafo às suas numerosas fãs e é com prazer que cumpre essa obrigação de todo artista famoso. Êle é um dêles!



Os romances de FERNANDO LAMAS

COM A FÔRÇA DE SUA SIMPATIA IRRADIANTE, FERNANDO LAMAS VENCEU EM HOLLYWOOD, CONQUISTOU GLÓRIA E FORTUNA, MAS NÃO FOI FELIZ NA SUA VIDA SENTIMENTAL ★ AMOU LANA TURNER DURANTE UM ROMANCE TEMPESTUOSO E AGORA DISSIPA ILUSÕES COM ARLENE DAHL, MAS PARECE QUE ÊLE GOSTA MESMO É DA ESPÔSA, LÍDIA, DE QUEM SE DIVORCIOU E COM QUEM QUER CASAR-SE OUTRA VEZ...

Texto de TED LEWIS ★ **Copyright «PRESS CINEMA»** ★ **Fotos METRO**

Uma certa manhã um avião que vinha da Argentina despejou no aeroporto de Los Angeles vários artistas que terminariam um filme nos estúdios de Hollywood. Entre êles destacava-se um jovem de feições simpáticas e bastante alto, que soube depois chamar-se Fernando Lamas. Êle havia sido galã de Dolores Del Rio num filme em sua Pátria e tomara gôsto pela arte de representar. Não sei porque, mas desde o primeiro dia nos tornamos muito amigos. Fernando hospedou-se em um hotel muito perto de minha residência e todos os momentos em que não estava ocupado, ficava em minha casa conversando. A película em que Fernando atuava terminou em poucas semanas e o artista ficou indeciso entre regressar a Buenos Aires ou ficar em Hollywood para provar a sua sorte. Eu sabia de antemão que Fernando faria

O ROMANCE DE FERNANDO LAMAS



Seu romance com Lana Turner foi faladíssimo e acabou de maneira inesperada, numa festa. Até então, pareciam muito felizes!

boa carreira em Hollywood. Junto com Hugo Fregonese convencia Fernando que ficasse, ainda que fôsse por alguns meses apenas. O dinheiro que recebera pelo seu trabalho no referido filme, êle empregou para viver, porém passados dois meses recebeu uma chamada dos estúdios da Metro, onde o queriam para um «test», pois tinham idéia de que valeria a pena prová-lo. Se desse certo, como aconteceu, assinaria um contrato. Recordo muito bem o que êle me disse quando saiu para o «test»: «Ted, se sair bem, mandarei buscar minha espôsa e minha filha em Buenos Aires e ficarei definitivamente por aqui».

O «test» cinematográfico de Fernando Lamas teve um explêndido resultado, porque a «estrêla» que o acompanhou na prova era linda e atenciosa. Seu nome, Arlene Dahl. Fernando jamais esquecerá a gentileza dessa artista, que aceitou aparecer num «test» com um desconhecido.

Na semana seguinte, Fernando assinou um contrato ganhando 500 dólares por semana e ficou com o futuro assegurado, já que todos os dias tinha de apresentar-se ao estúdio para freqüentar aulas de canto, inglês, arte dramática e até bailado.

Um mês depois, Fernando e eu nos dirigimos para o estúdio, e dali até o aeroporto onde recebemos a espôsa e a filha de Fernando, que vinham da Argentina.

Desde o primeiro momento fiquei encantado com Lidia, a espôsa, uma figura da sociedade argentina, e com a filhinha, Alexis. À tarde tomamos coquetel com Hugo Fregonese, e sua espôsa Gait Doumergue; Ricardo Montalban e sua espôsa, na nova residência de Fernando.

Eu continuei tão amigo dos Lamas como antes, sempre saíamos juntos, ainda que Fernando cada dia que passava se apresentasse desencantado com seu futuro, pois decorriam exatamente sete meses do contrato sem que êle tirasse proveito de sua carreira; sòmente estudar, estudar.

Quando completou dez meses o estúdio chamou-o e disse que devia preparar-se para sua primeira película na Metro, um papel não de primeiro galã, porém de importância. A película seria colorida e produzida por Joe Pasternak, «Rica, Moça e Bonita». O resultado foi muito simples, algo que acontece muito pouco em Hollywood; após a estréia do filme choveram cartas para os estúdios, de milhares de admiradores do novo ator. Conseqüentemente, sua segunda película já foi como galã e nela teve que amar nada mais, nada menos que a Greer Garson.

O filme não fêz muito sucesso de bilheteria, porém Fernando continuava conquistando novas admiradoras e a quantidade de suas cartas aumentava. O salário subiu de 500 para 1.500 dólares por semana. Um ano depois de haver chegado a Hollywood sua espôsa Lidia, Fernando lhe deu a boa notícia de que havia reparado num lindo «chalet» a venda, e que não pensara muito para comprá-lo. Duas semanas mais tarde, eu mesmo ajudei-o a mudar-se e até a pintar a casa e decorá-la. Passamos algumas horas agra-

Fernando Lamas muito lutou para conseguir um lugar de «astro» em Hollywood. Venceu pela simpatia e talento!

dabilíssimas, reunindo aos domingos um grupo de amigos como Ricardo Montalban, Jane Powell, seu espôso e Howard Keel.

Nesse mesmo verão, o estúdio disse a Fernando que êle deveria começar seus ensaios de baile com Lana Turner para a película «A Viúva Alegre». Lana Turner, então, estava sumamente triste, já que seu marido, o milionário Topping, havia partido numa viagem de pesca pelo Estado de Oregon, sem dizer quando voltaria. Tôda gente comentava que êle havia deixado Lana, para sempre. Foi fácil para ela e para Fernando fazer uma amizade, pois estudavam juntos todos os dias, durante algumas horas. Começaram a sair juntos e os cronistas falavam de um novo romance entre êles. O romance iniciou como um «truc» de publicidade, porém se foi normalizando, até o ponto que Fernando resolveu falar com sua espôsa e explicar a situação.

Os planos da casa e os milhões de castelos que tanto êle, como Lidia haviam forjado, se desvaneceram, e eu fui ao aeroporto, despedir-me de Lidia, que partia novamente para a Argentina. Fernando mudou-se, então, para o hotel de Berverly Hills, e alugou sua casa.

Nessa época, em todos os lugares se podia ver Lana e Fernando e pareciam enamoradíssimos! A imprensa vinha atestando o romance, diàriamente. Fernando obtinha seu divórcio no Reno e Topping também conseguia o mesmo. Agora os dois estavam livres e poderiam casar-se. Porém, està situação não seria mantida; eu que conheço Lana e Fernando, sabia que era muito diferente e que chegaria ao final, bem cedo.

O estúdio acabava de rodar «A Viúva Alegre» e tinha em projeto mais três películas para a nova dupla. A seguinte deveria ser «Amantes Latinos», cujo título parecia demasiado apropriado para o momento, até que em uma festa que se dava em Hollywood, Lana e Fernando se apresentaram juntos, demonstrando que haviam tido uma rusga muito séria. Bastou que Lana aceitasse dançar com Lex Barker, que se havia separado justamente de Arlene Dahl, para que Fernando deixasse a festa, aborrecidíssimo.

Êsse foi o final do romance que custou a Fernando não filmar «Amantes Latinos», já que segundo me contaram, por insinuação de Lana, o papel foi dado a Ricardo Montalban.

Tudo começou quando Fernando foi escolhido para «galã» de Lana Turner em «A Viúva Alegre». Acabaram apaixonados...



Hoje em dia, Fernando Lamas está saindo diàriamente com Arlene Dahl e parece que existe um novo romance. Por outro lado, Lana fica em casa, muito triste, e como das vêzes anteriores, não fala em Lamas, proibindo aos amigos que mencionem seu nome. Muita gente acredita que o rompimento do romance prejudicou imenso a carreira de Fernando, mas eu não penso assim, pois acho que Lamas tem um nome famoso em Hollywood e pode trabalhar em outras películas.

Em troca, se pode dizer de Lana que ela segue tendo fracassos no que concerne a Cupido, pois mesmo sendo linda, maravilhosa e meiga, tem conhecido algumas desventuras amorosas.

Uma coisa é quase certa em Hollywood, com respeito ao meu amigo Fernando Lamas. É que êle está inteiramente mudado e disposto a casar-se outra vez com Lidia, mandando buscá-la na Argentina em companhia da filha.

Seus romances que provocaram páginas e mais páginas dos jornais e revistas, telegramas e comentários nem sempre camaradas, vão terminar com sua ascenção absoluta de «astro» cinematográfico de primeira grandeza.

Arlene Dahl, que é aliás uma criatura boníssima, admira Fernando por diversas razões e se fôr preciso renunciar ao seu romance com êle, não guardará rancor.

Eu estou torcendo para que isso aconteça, pois as saudades daquelas tardes com os Lamas, chegam de vez em quando, pondo na alma uma nostalgia quase invencível . . .



Dedinho no queixo, olhar distante, pose compenetrada. Assim é Mara Abrantes, uma pequena que vai longe, senhores, muito longe!



Outro ângulo para vocês aquilatarem da fotogenia de Mara Abrantes, que começou por acaso na televisão e está vencendo no cinema!

NO COLÉGIO DIZIA MONÓLOGOS E SONHAVA EM SER ARTISTA DE TEATRO — UM DIA PRECISOU GANHAR DINHEIRO E TENTOU A CARREIRA DO RÁDIO, MAS UM ACASO LEVOU-A ATÉ A TELEVISÃO, ONDE ACERTOU EM CHEIO, ASSINANDO CONTRATO! — DALI FOI CANTAR EM COPACABANA PARA A GENTE "BEM" E COMO SE DEU BEM (DESCULPEM!) — GRANDE OTELO PERCEBEU O TALENTO E LEVOU-A PARA O CINEMA, ONDE ESTREOU AO LADO DE OSCARITO — VAI CASAR, MAS DIZ QUE AINDA É CEDO!...

Texto de GILMAR DIAS

MARA ABRANTES

A MORENINHA DO CINEMA BRASILEIRO

Quem assistiu à comédia de Oscarito e Grande Otelo, «Dupla do Barulho» deve ter notado o desempenho natural e muito simpático da «estrelinha» «colored» Mara Abrantes, uma pequena para quem o acaso representou tudo em sua vida . . .

Ela mesma nos conta, para esclarecer como iniciou sua carreira:

— Seu repórter, a coisa começou no colégio nas festas de fim de ano. Fui tomando gôsto pelo palco e quando dei por mim estava mesmo interessada no teatro, mas comecei realmente no rádio.

— Como?

— Atuando como locutora dos programas juvenis da Roquete Pinto. Meu sonho era o teatro, mas nada de conseguir uma oportunidade. Estudava, caprichava, me insinuava junto aos atores conhecidos, mas êles não ligavam. Pensa que desisti? Pelo contrário. Sempre me tive na conta de uma criatura audaciosa e o acaso veio a meu favor quando visitava um dia a televisão Tupi . . .

E, como fôsse uma longa história, ela reuniu, sem omitir nenhum detalhe.

— Eu estava na Guanabara atuando a «cachet», mas o pagamento que era bom não saía. Resultado: tudo negro, porque as contas não esperavam . . . Soube que na Tupi estavam pagando muito bem aos calouros da televisão. Fui tentar, não como atriz, mas como cantora. Modéstia à parte, tenho boa voz . . . Não sou eu quem diz, não, seu repórter.

Jurei que acreditava. Ela continuou, sorrindo sempre:

— O Ary Barroso, muito camarada, gostou da minha atuação e zás! ganhei o prêmio. No dia em que fui receber o dinheiro, um funcionário avisou que o Ary desejava falar comigo. Procurei-o pelo prédio inteiro e como não achasse o homem da «gaitinha», fui ver a televisão de perto, muito de perto até, penetrando de mansinho na sala de ensaios. Ah! Dava pena ver uma garôta nas mãos de Chianca de Garcia tentando acertar uma «chicotada» no quadro mais importante do poema televisionado «Nêga Fulô». Olavo de Barros notou o meu interêsse pelo que se passava, e quando Chianca perguntou quem faria a pequena do chicote, pois êle não desejava perder a cabeça procurando alguém que acertasse nas chicotadas, Olavo me apontou e não tive tempo para recuar e fui ensaiar. Dei certo e naquela mesma noite estreei. Confesso que a alegria era tanta que eu não sabia estar parada. Nervosa, não pela importância de meu papel, mas nervosa pelo fato de estar entrando em um mundo diferente. Depois me acostumei e assinei um contrato. Continuei na televisão até . . .

O intervalo era necessário. Mara e os leitores precisavam respirar, não concordam? Mas, ela prosseguiu:

— Surgiu uma oportunidade na «boite» do Téo. O senhor conhece a «boite» do Téo? Não? Deve conhecer. Não sabe o que está perdendo. (Aviso: Téo não pagou nada pela propaganda). Pois bem. Ali comecei a cantar e foi quando apareceu o Grande Otelo . . .

Nesse ponto, Mara faz uma pausa para frisar que Grande Otelo foi um «amigão», e muito a incentivou na carreira de artista cinematográfica.

— Otelo me disse que eu poderia fazer uma pontinha no quadro final de «Carnaval Atlântida», interpretando uma melodia. Aceitei no dia seguinte e fui filmar. Carlos Manga viu meu «test», gostou e pensou num papel para o celulóide que ia começar a rodar logo depois, ou seja a comédia «Dupla do Barulho». Victor Lima criou o papel e o resto você já sabe.

Eu não sabia não, mas calculei. A pequena mostrou mais uma vez o seu sorriso e quando perguntei pelos novos planos, disse:

— Muitos, principalmente continuar no cinema. Ainda estou cantando na «boite» do Téo. (E aproveitou para dizer mais uma vez que eu não sabia o que esatva perdendo, deixando de freqüentá-la. Vou pensar, menina, vou pensar). Deixei a televisão, pois seria impossível, dar exclusividade do meu trabalho. Devo fazer um papel maior no próximo filme de carnaval da Atlântida.

Como eu visse na mão direita uma aliança, bastou sorrir para a «estrelinha» «colored» dizer:

— Sim, o casamento entra na conta. Mas ainda é cedo . . .

Elas sempre dizem assim e casam no mês seguinte. Que seja feliz, moreninha, e sucesso, menina, sucesso no cinema brasileiro! **(Fotos Atlântida)**



Em uma cena da comédia «Dupla do Barulho», seu primeiro filme, contracenando com a «argentinita», Edith Morel, outra gracinha!


FEDERAL
42



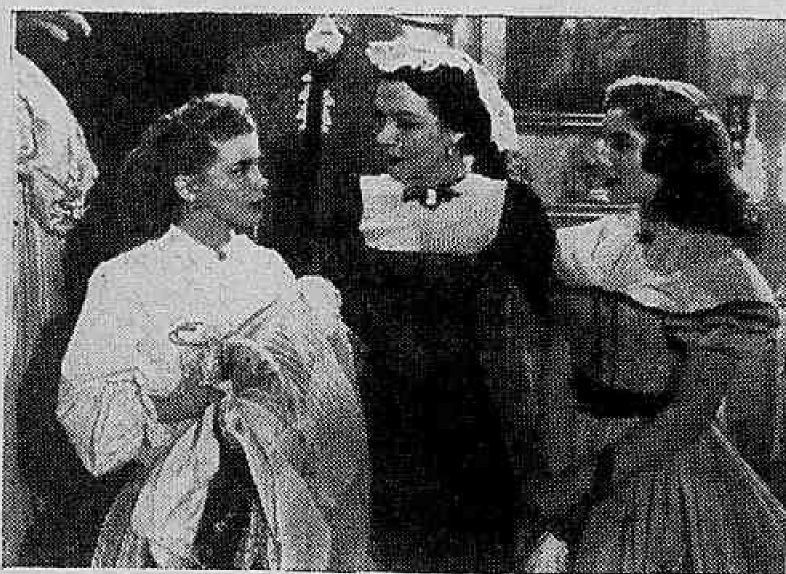
Depois de algum tempo iludido com sua paixão pela indiferente Inez, Stephen compreendeu que amava Jeanie...



A vida de Stephen foi criar lindas melodias, espalhando alegria nos corações, enquanto o seu continuava triste...

CINE-TRAILER apresenta:

MINHA VIDA TE PERTENCE



Jeanie defendia o seu afeto por Stephen com tanta veemência, que era fácil perceber que ela estava enamorada...



A princípio todo mundo desconfiou do talento de Stephen, negando-lhe sucesso, mas depois foi uma verdadeira consagração!

EM meados do século XIX, na cidade de Cincinatti, um sonhador, displicente porém simpático jovem, escreve uma canção que logo se alastra e toma conta de todo o país. Chama-se ela, «Oh! Susana».

Os trabalhadores da estrada de ferro cantam essa canção manejando suas picaretas dentro do seu ritmo; ela faz com que as carruagens corram mais velozes; apressa os passos dos mineiros que se dirigem para a Califórnia em busca de ouro; os estivadores negros entoam a sua melodia; os artistas que atuam nos barcos flutuantes fazem dela uma das grandes atrações dos seus espetáculos e Edwin P. Christy, o grande cantor, transforma «Oh! Susana» na principal canção do seu repertório.

ELENCO

Stephen Foster	**BILL SHIRLEY**
Inez McDowell	**MURIEL LAWRENCE**
Edwin P. Christy	**RAY MIDDLETON**
Jeanie McDowell	**Eileen Christy**
Sra. McDowell	**Lynn Bari**
Dunning Foster	**Richard Simmons**
Milford Wilson	**Robert Neil**
R. E. Howard	**Andrew Tombes**
Spike	**James Dobsom**

Direção de ALLAN DWAN

Baseado na vida de STEPHEN FOSTER

Apresentação da Republic Pictures

Enfim, essa melodia transforma-se numa verdadeira coqueluche; é adorada por todos com a excessão, apenas, da pessoa por quem o compositor Stephen está apaixonado. É ela Inez McDowell, uma encantadora pequena do sul, que acha-se por demais impressionada pela música clássica para compreender o valor da melodia que tocou tão profundamente o coração de uma nação. E a sua raiva, quando ela descobre que o seu pretendente, Stephen, a escreveu, é justamente uma das inúmeras preocupações que rodeiam o jovem compositor neste momento.

Não conhecendo coisa alguma sôbre direitos autorais, êle fica satisfeito quando a sua melodia é editada, e fica agradecido ao famoso Christy por incluí-la em seu repertório. Entretanto, quando o editor que primeiro imprimiu «Oh! Susana» procura-o furioso, exigindo-lhe um reparo financeiro contra os prejuízos sofridos por êle haver enviado sua canção a outros editôres, Stephen pensa que terá de reembolsá-lo. Também Christy move-lhe uma ação porque outros artistas estão usando essa mesma canção nos seus «shows».

Esperando casar-se com Inez e completamente desprovido de dinheiro, Stephen não vê um meio para livrar-se das suas dificuldades até que seu irmão, Dunning Foster, perfeito conhecedor de negócios, vem em seu auxílio e entra em entendimentos com os dois homens.

Do editor êle consegue uma substancial quantia em dinheiro e um contrato assegurando uma percentagem na venda das partituras musicais; e consegue persuadir Christy, que é um bom homem, a juntar-se a êles ajudando-os na carreira de Stephen. Êles vêm a obter com as canções de Stephen, exibições de gala nas principais cidades, através de todo o país. Não tarda muito para que o povo esteja cantando «My Old Kentucky Home», «Old Dog Tray» e «Old Folks at Home», com o mesmo entusiasmo dedicado a «Oh! Susana».

Só Inez está cada vez mais envergonhada, insiste em dizer que as canções de Stephen são vulgares fazendo com que êste, num gesto de arrebatamento, destrua tôdas as suas outras criações ainda não terminadas, prometendo-lhe dedicar o seu talento à música clássica. Apesar disso Inez decide casar-se com o rico e refinado Milford Wilson, que tem o mesmo ponto de vista com respeito aos clássicos.

(Cont. na pág. 34)

Cine Variedades

INGRID BERGMAN NO TEATRO

Depois *que deixou Hollywood rumando para a Itália, onde encontrou refúgio para sua alma de mulher insatisfeita, na compreensão de Roberto Rosselini, Ingrid Bergman libertou-se dos rígidos princípios da indústria americana de filmes e pôde dar vazão a todos os seus instintos, filmando os argumentos mais discutidos, pelo conteúdo e pela técnica hoje em dia tão falha, do realismo. O seu "Stromboli", menos seu que de Rosselini, foi o maior fracasso de sua carreira artística, e de sucesso mesmo, teve apenas o casamento com o Diretor, dando-lhe três filhos num curto espaço. Após os gêmeos, Ingrid surpreende outra vez os fãs com a notícia de que fará teatro, de Pirandello ou Shaw, conforme sua própria escolha. Representará em italiano a mesma peça que depois recitará em inglês (Londres) e sueco (Estocolmo). Ingrid experimenta assim a certeza de estar inteiramente livre, inclusive dos contratos que jamais permitem certos gostos às suas "estrêlas", por mais famosas que sejam!*

EM PARIS, pela quinta vez concederam os grandes prêmios femininos do cinema, e pela ordem aqui estão os vencedores: **Melhor Filme Francês**: «Le Rideau Cramoisi», inteiramente desconhecido para nós. Deve ser portanto, o melhor; **Melhor Filme Estrangeiro**: «Depois do Vendaval», de John Ford. Não constitui surprêsa, convenhamos; **Menção Especial**: «Luzes da Ribalta», de Chaplin. Isso sim, constitui surprêsa; **Melhor Atriz Francesa**: Barbara Laage, em «A . . . Respeitosa», da obra famosa de Sartre. Uma pequena bonita que os brasileiros vão admirar brevemente; **Melhor Atriz Estrangeira**: Claire Bloom, de «Luzes da Ribalta». Uma inglêsinha de sucesso garantido no Brasil; **Melhor Ator Francês**: Jacques Tati, por «Les Vacances de M. Hulot», também premiado no recente Festival de Cannes; **Melhor Ator Estrangeiro**: Raff Vallone, em «Les Chemins de l'Esperance». O artista nós conhecemos; o filme não; **Atriz Mais Elegante**: Elina Labourdette. Inteiramente desconhecida para nós. Deve ser elegante . . .

OS BRITANICOS também se preparam para a «Era da Terceira Dimensão». Alexander Korda está coordenando uma produção com Moira Shearer, de «Os Sapatinhos Vermelhos», que dançará em relêvo numa película a ser iniciada muito breve.

YVONNE SANSON, uma pequena que tem elegância exuberante e rosto admirável, está filmando em Paris. Os franceses admiram as linhas de seu corpo esbelto e discutem seu possível talento. Acontece que La Sanson tem as duas coisas: beleza e talento. Acreditem ou não . . .

PEGGY LEE, na opinião dos maldosos e boateiros, a maior rival de Doris Day nos estúdios da Warner, está completamente restabelecida de uma ligeira enfermidade e voltou ao seu trabalho no Ciro's. Tem recebido muitos cumprimentos pela sua estréia algo notável em «O Cantor do Jazz», uma refilmagem do antigo êxito de Al Jolson.

KAY FRANCIS, que já foi uma das «balzaqueanas» mais festejadas do cinema de Hollywood, andava afastada de sua cidade e longe dos amigos, recolhida como sempre ao seu passado ainda recente, parecendo ouvir tôdas as noites antes de dormir, aquêles aplausos do mundo, à sua arte e à sua discutida beleza. É muito difícil o retôrno de Kay aos filmes, pois ela não acredita em «milagres», como aconteceu a Gloria Swanson. Nem por isso deixa de ler argumentos à procura de uma personagem que possa viver, longe de qualquer ridículo. Kay confessou a uma amiga que a «maior tristeza da vida é ter de voltar». Ao passado, acrescentou.

A WARNER vai realizar uma película no ambiente circense. Todos acreditam que isso se deve ao sucesso de «O Maior Espetáculo da Terra», de De Mille. Não será Burt Lancaster, o protagonista, já que êsse popularíssimo ator antes de ser do cinema, era de circo, mas sim o escritor Mickey Spillane, transformado em artista por culpa de suas próprias ambições. O filme intitula-se «Man Killer», tendo o Circo Beatty como cenário. Informam que é uma história repleta de emoções, como o próprio circo, da vida real.

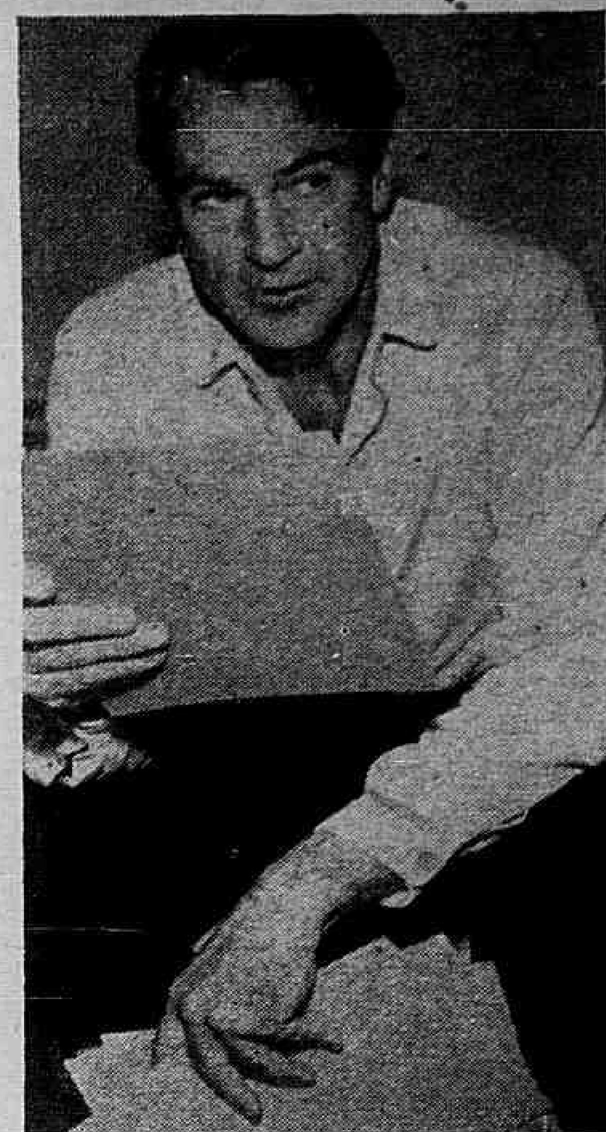
A METRO pensou, pensou e deu razão a um pedido de Frank Sinatra. Vai juntá-lo à espôsa Ava Gardner em um musical baseado na canção «St. Louis Woman». A gente faladeira de Hollywood anda espalhando que só assim Frank terá oportunidade de beijar a espôsa, agora que as coisas pioraram entre êles, que pareciam tão felizes. Tudo aconteceu depois da viagem de Ava para filmar «Mogambo», na África. Ela voltou diferente e Frank não esconde a sua desolação.

BETSY DRAKE e Gary Grant regressaram sem maiores alardes da viagem ao estrangeiro, e logo que desembarcaram tiveram notícia de uma pretensão muito justa de Sam Spiegel. Êle deseja nada mais, nada menos que Gary aceite o papel principal de «Don Quixote» que vai começar a rodar. Gary Grant ainda não aceitou o contrato, mas tudo indica que o fará, pois leu a história e gostou. Danny Kaye será possìvelmente indicado para viver a parte de Sancho Pança, no mesmo filme.

LIONEL BARRYMORE, o «velho ranzinza» de tantos filmes, estreará muito breve como jornalista, escrevendo uma crônica diária. Lionel prometeu não poupar ninguém nos seus comentários. Uma coisa êle deve e pode fazer: contar um pouco da história de Hollywood, principalmente algumas que sòmente êle conhece . . .

MANDAM DIZER da Itália que Kirk Douglas anda saindo tôdas as noites com Geraldine Brooks, com o propósito de renovar um romance antigo. Já se disse tanta coisa a respeito da vida sentimental de Kirk, que é muito difícil aceitarmos versões novas. Ainda assim, vamos aguardar outras notícias mais esclarecedoras sôbre o caso.

DORIS DAY está contentíssima de ter renovado seu contrato com a Warner, um longo contrato aliás, nos estúdios onde a loura «estrêla» teve as melhores oportunidades de sua carreira, algo vertiginosa. Doris recomeça com «Lucky Me», filmado em Warner-Super-Scope e Terceira Dimensão, com as côres brilhantes do Warnercolor. Em sua companhia virá, no seu regresso ao cinema, Phil Silvers, um cômico famoso que faz rir a todos, fàcilmente.



Gary Cooper nos estúdios da Warner, em Burbank, estuda seu papel no filme «Renegado Heróico» (Springfield Rifle), uma história da guerra civil onde um homem é desprezado como traidor e com o tempo se transforma em herói. Gary Cooper estêve recentemente envolvido em um romance algo sensacional com a «new-face» Gisele Pascal. Que já acabou, aliás! (Foto Press Cinema)



O papel e o filme haveriam de ser da nova sensação da Metro, Fernando Lamas. Chama-se «Sombrero» e acabou mesmo nas mãos de outro talento, Ricardo Montalban. Rich e Shelley Winters são os intérpretes de mais êsse romance com cenário dos trópicos onde o amor é mais quente que o sol, imponente como a natureza e nem sempre permanente como as mais altas montanhas. (Foto Metro)

Kirk Douglas, que está atualmente na Itália filmando «Ulisses», aqui aparece em companhia de seus dois filhos menores, Joel e Michael. Kirk não encontrou completa felicidade no casamento e dêle desfruta uma alegria: os filhos. Sublima complexos em seus romances faladíssimos . . . (Foto Press Cinema)



ROSA CARMINA

A VÊNUS CUBANA DO CINEMA MEXICANO EXPLICA POR QUE E PARA QUE SE VESTEM AS MULHERES — CONCEITOS DE ELEGÂNCIA DA MAIS PROVOCANTE DAS "ESTRÊLAS" DOS FILMES ASTECAS — ROSA CARMINA BAILA UM SAMBA DE ARY BARROSO.

Texto de D'AVRILL
Fotos PELMEX
(Especial para «A CENA MUDA»)





Rosa Carmina, descoberta de Juan Orol, o mesmo que lançou Maria Antonieta Pons, transformou-se na mais provocante das «estrêlas» do cinema mexicano! Vejam só a sua sedução de mulher bonita!

DURANTE a filmagem de «Traiçoeira» fui entrevistar Rosa Carmina, coisa que acontece, talvez, pela décima vez, sendo Rosa Carmina uma das mais procuradas e solicitadas «estrêlas» para as páginas de revistas nacionais e estrangeiras, sejam de cinema ou qualquer outro assunto; Rosa tem sempre uma palavra clara e decidida, pessoal e curiosa para o jornalista. Por outro lado a sua ousadia e franqueza, são pontos que sempre despertam comentários, muitas vêzes deformando a verdadeira opinião da «estrêla». Ela negou uma vez, firme e violentamente, que havia declarado ser a mais correspondida artista do cinema mexicano, mas por outro lado oferecia um comprovante de sua imensa popularidade como «pin-up-girl»: os inúmeros pedidos de fotos... Outra vez não negou que em Paris, onde triunfou de maneira espetacular, cantava «dentro» de um «bikini» e de violão em punho... Tanto sua arte como a sua plástica triunfaram numa cidade onde essas coisas têm imenso valor. Muitos comentaristas notaram uma certa semelhança entre Rosa Carmina e Viviane Romancè, apenas a intérprete francesa tem alguns anos a mais... «alguns»... Dessa vez procurei Rosa Carmina para falar sôbre uma questão muito feminina: porque se vestem as mulheres!

Como sempre, Rosa Carmina estava de bom humor, simples e afável, embora já houvesse filmado uma das mais fortes cenas de uma película dirigida por Ernesto Cortazar, inclusive o bailado inspirado no samba de Ary Barroso, «Eu Já Vi Tudo», que muito agradará aos fãs brasileiros.

— Estou às suas ordens...

(Rosa Carmina às ordens de alguém é um caso muito sério e disso ela deve ter certeza...). Depois de um minuto de amabilidades, perguntei:

— Rosa, por que se vestem as mulheres?

— Ora, meu amigo, simplesmente pela mesma razão pela qual se despem... para agradarem aos homens!

Eis uma autêntica resposta de Rosa Carmina, dona de um notável «sense of humour», onde não falta um pouco de pimenta!

Urgia uma explicação e antes que eu a pedisse, a vivaz «estrêla» cubana foi declarando:

— Nós, as mulheres nos vestimos para enganar as outras mulheres e para agradarmos aos homens. Para as mulheres esconderem suas perfeições e, também, suas imperfeições, foi inventada a moda, que com suas variações de todos os instantes, tornam mais perfeitas aquelas imperfeições e despercebidas algumas imerecidas imperfeições. Por exemplo: sei de uma «estrêla» que tem mais pernas, relativamente, que o rosto do corpo em proporção; outra colega tem os ombros muito largos e uma terceira tem pouca cintura. O que fazem elas? Escondem, primeiramente, das outras mulheres êsses pequenos defeitos e, depois, os valorizam em estudadas atitudes, com maquilagem sóbria e com «sex apeal», dando totalmente a imperecível impressão de beleza. Esta é a razão pela qual muita mulher não freqüenta a praia... Isso sem falar na balança! Essa sim, é que verdadeiramente julga a mulher!

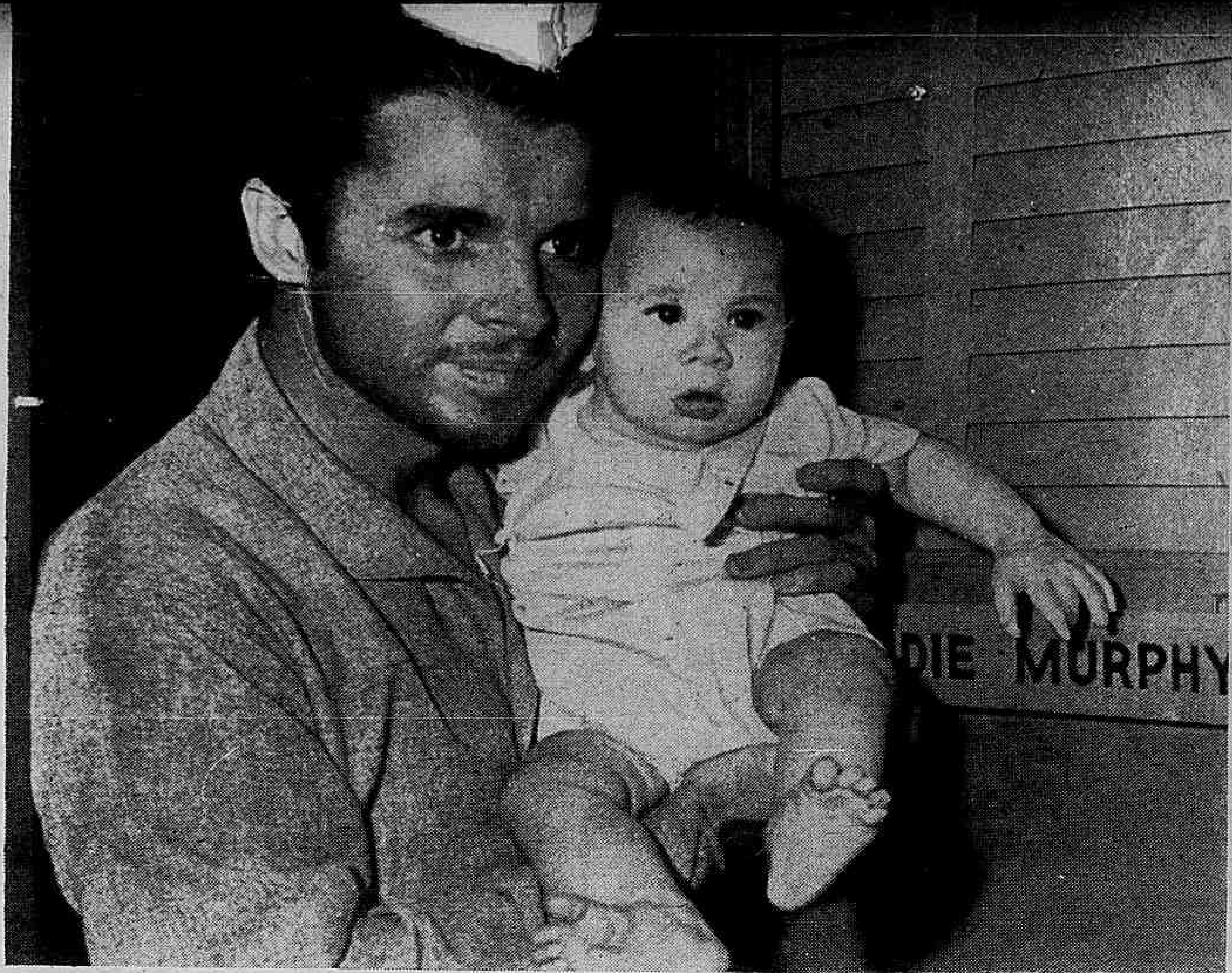
— Rosa, existem regras de elegância?

— Existem, implacàvelmente. Na minha opinião a mulher tem por dever sagrado ser elegante, com muito ou pouco orçamento. Pode-se ser elegante num traje importado de Paris ou Nova York ou num traje feito por nossas próprias mãos com tecidos caseiros. Cada hora tem seu traje próprio. A questão de côr varia com o tipo e depois com as predileções. Uma mulher vestida tôda numa só côr, não é uma mulher discreta ou elegante, pelo contrário, é deselegantíssima. Por exemplo: outro dia vi uma estrelinha jovem dêste estúdio tôda de negro, sem o menor detalhe doutra côr, sem uma jóia ou fantasia. Sem maldade, estava horrorosa!... Outra coisa: não desaprovo e até sou a primeira a usar calças. Acho prático e gostoso, mas nas mulheres gordas... deve ser a última coisa em que elas devem pensar! Meu amigo, para arrematar a conversa, uma mulher tem por obrigação saber se vestir, mas, por outro lado deve saber em que momento deve se despir... Em tudo deve haver elegância e feminilidade!



Rosa Carmina, em «Traiçoeira», sua próxima película, dança o samba de Ari Barroso, «Eu já vi tudo». Os fãs também viram...

O Simplório Audie Murphy



Com o filhinho nos braços, Audie Murphy mostra-se feliz, acreditando que isso não o prejudica junto às fãs. Torna-o ainda mais invejado!



Êle adora criança e está sempre fazendo novas amizades. Com Janine Perreau, ao colo, nos estúdios da Universal, durante um lanche.

Quem visitar o simplório Audie Murphy no seu rancho perto de Hollywood, terá duas revelações a respeito do artista: verá que Audie não parece «o soldado mais condecorado durante a última guerra», e nem tampouco o secarrão de tantos filmes. É simples, afável, de temperamento alegre e nada introspectivo como o cinema faz crer aos fãs do mundo inteiro. Conversei com êle durante tôda uma manhã e cheguei à conclusão de que Audie faz concessões à sua carreira, aceitando aquêles papéis, mas que no íntimo está convencido de que deveria fazer outros tipos, bem diferentes daqueles que já nos acostumamos a vê-lo interpretando.

Não possui, como a maioria dos «astros» que se dedicam aos filmes de «cow-boy», coleções inteiras de pistolas e «recuerdos» do oeste, mas uma pequena biblioteca de obras selecionadas de acôrdo com seu temperamento. Encontrei ali, livros sôbre teatro e arte de representar, biografias de gente célebre, o livro de Bob Hope sôbre a arte de rir, poemas e livros de aventuras. Êsses, sim, enchem as estantes e o gôsto de Audie se manifesta por tudo que seja audácia e coragem, principalmente coragem. Enquanto tomávamos um refresco, Audie me falou sôbre seu papel em «A Glória de um Covarde», e não escondeu sua admiração pelo filme que os brasileiros, por motivos desconhecidos, ainda não assistiram. Nêle, Audie personifica o soldado ainda imberbe que enviado ao campo de batalha, ante o impacto do conflito sente que seus nervos são demasiadamente frágeis para suportar a luta. Seu pensamento é fugir na primeira oportunidade. Com os lábios trêmulos e a alma gelada êle atravessa os campos com olhar cheio de terror, empunhando a arma que servirá para defender seu coração do aço inimigo e recìprocamente atingir o coração adversário. Para Audie, que foi como já dissemos, o soldado americano mais condecorado do último conflito, justamente pela ação corajosa no «front», interpretar um covarde foi experimentar uma sensação desconhecida. Depois Hollywood enquadrou-o nos personagens dos dramas do oeste, violentos como a própria terra que os gerou, transformando-o em herói de pistola fumegante que faz justiça, mas no fundo é um recalcado.

Perguntei a Audie se um dia êle chegaria a cansar de ser um «cowboy» justiceiro e obtive como resposta:

— Talvez não canse porque admiro as histórias de audácia, em que o homem rompe tôdas as barreiras com sua própria coragem. É possível que mude meu tipo, passe do «saloon» para os clubes elegantes e me transforme num tipo mais fino.

Riu de suas próprias palavras e achou melhor mostrar-me sua criação de carneiros, um de seus orgulhos. Com dois carneirinhos inocentes, nos braços, Audie mostrou-me a sua «hacienda», que é pequena, mas próspera e bem cuidada.

— Acho isso aqui um refúgio admirável. Por certo que os fãs acreditam fora dos filmes, que estou sempre namorando as pequenas bonitas e me divertindo nos clubes. Não sou disso!

(Cont. na pág. 34)



No seu rancho, Audie Murphy, o simplório, cuida de seus carneiros, orgulhoso de poder ser «êle mesmo» longe dos estúdios. Julga-se e é felicíssimo!





Enquanto caminhava de volta à casa, Doc Delaney pensava no seu destino e julgava-se um homem frustado nos seus ideais, o que era uma cruel verdade. Doc alimentara a esperança de tornar-se um médico, mas as circunstâncias evitaram que êle pudesse ter tão grande alegria, e tudo por culpa de um gesto impensado. Passava agora diante de um bar e recebeu no rosto o bafo de álcool de alguém que saía a passos trôpegos. Lembrou-se, então, de que até isso já fizera, um ano antes, quando sua desilusão da vida era bem maior e quando nada esperava do destino. Considerava-se um trapo, e como ser humano, não merecia senão piedade. Tivera, porém, a sorte de cair nas mãos da Associação Anônima de Combate ao Alcoolismo, e o caso que parecia perdido, ficou resolvido para alegria de sua espôsa Lola, que vivia tristonha e chorosa em companhia de um pequeno cachorro branco, chamado Sheba.

Doc Delaney estava distante dali, caminhando sem dar conta do que se passava ao seu redor. Um conhecido esbarrou nêle e reconhecendo-o, fizera um gesto amigo, mas o homem estava no seu passado, e não respondeu.

Se não fôsse o grande amor que tinha por Lola, talvez tivesse chegado a médico. Recordava aquêle passeio fatal e quando Lola dissera com voz medrosa:

— Doc . . . eu . . . nem sei como dizer a você.

A princípio êle pensou que se tratasse de coisa à-toa, resolvida sem maiores dificuldades, mas quando

CINE-ROMANCE:

A CRUZ DE MINHA VIDA

A "CRUZ DA MINHA VIDA"

Doc havia tido uma forte crise por excesso de bebida. Lola, desesperada, chamara Ed e Elmo para socorrê-lo.

A vida de Doc e Lola fôra alegre em certa época, mas depois transformara-se num martírio que parecia eterno!

soube da verdade estremeceu e pensou em si mesmo, antes de pensar naquele que estava para nascer.

Um filho! Doc Delaney imaginara as coisas de outra maneira, mas o destino, sempre caprichoso, dispusera de sua vida e da de Lola, para comprometê-los com o nascimento daquela criança que êles já começavam a amar, apesar de tudo que representava para as suas vidas.

Para Lola seria um casamento apressado, diferente de seus sonhos, agora desfeitos pela realidade. Para Doc um golpe cruel, pois inclusive teria de parar seus estudos.

Naquela noite êle voltara para casa e os pés pareciam de chumbo. Andava com dificuldade, a cabeça rodando, o coração pulando no peito, os olhos fixos no asfalto, indiferente, completamente indiferente. Abafara depois seus soluços, chorando com o rosto no travesseiro. Eram lágrimas de revolta contra si mesmo. Tinha uma opinião formada. Amava Lola e deveria renunciar a tudo, para salvá-la de qualquer aparência comprometedora. A criança deveria nascer e o recurso era casar depressa. Doc deixaria os estudos, cortaria a carreira de médico, destruiria seu próprio destino! Mas que importava tudo isso se era para a felicidade de Lola?

Depois de casados viveram alguns meses de felicidade e quando a criança nasceu morta, verificaram que a sorte de ambos estava marcada pela desgraça. Seria difícil escapar aos desígnios de Deus, e conformar-se com êles era bem difícil naquela circunstância. Doc passara a beber, procurando no álcool a sublimação de todos os seus justos complexos. Voltava para casa, quase sempre embriagado e não tinha uma palavra de confôrto para a companheira. Lola perdera todos os seus encantos, tinha os olhos vermelhos de tanto chorar e agarrava-se ao pequeno Sheba como se fôsse o filho perdido. Doc não sentia coisa alguma no coração assistindo ao espetáculo da decadência da espôsa. Pensava apenas em desaparecer do rol dos homens de bem, já que a vida lhe negara uma oportunidade para ser digno. Viviam

ELENCO:

Doc Delaney	BURT LANCASTER
Lola Delaney	SHIRLEY BOOTH
Marie Buckolder	TERRY MOORE
Bruce	WALTER KELLEY

Apresentação da PARAMOUNT PICTURES

naquela casa, como estranhos e a vizinhança comentava suas brigas constantes, o latido de Sheba, protestando em favor de sua dona. Diziam que Doc era um curandeiro e que a polícia não tardaria a apanhá-lo por exercer uma profissão ilícita. Êle sabia de tudo isso, mas não ligava. Estava por demais preocupado em destruir-se completamente, para dar ouvidos ao que dizia a gente que o rodeava, gente igual de tôdas as pequenas cidades, com uma língua sempre pronta a ferir a honra alheia e a espalhar maldades.

Ao aproximar-se de casa, Doc notou que as luzes estavam acesas e estranhou que isso acontecesse, já que era hábito de Lola recolher-se cedo, pois cansada de esperá-lo, não tinha mais esperanças que voltasse antes da madrugada. Trocavam poucas palavras e cada dia que passava, muito menos. Doc achava que nada tinham a se dizer; eram apenas marido e mulher, nada mais. Os sonhos haviam sido desfeitos com as desilusões constantes, e já não tinham fôrças para construí-los outra vez. Doc abriu a porta e ouviu os soluços de Lola. Sheba não veio saudá-lo com a sua indiferença e Doc pôde calcular que algo de anormal havia se passado. Foi até o quarto. Lola mergulhada na cama, soluçava, e como êle indagasse porque, respondeu cortando o pranto:
— Sheba desapareceu!

Não era um acontecimento capaz de abalar a alma de Doc, como fizera à de Lola, e portanto a notícia se perdeu no resto da casa. O sofrimento de Lola não tinha remédio, disso sabia o marido. O melhor era deixar que lavasse o coração com aquêle pranto.



Lola falou a Doc sôbre Marie, achando que ela poderia preencher o vazio do filho que êles haviam perdido, por culpa de um destino cruel.

Foi dormir porque precisava acordar cedo no dia seguinte.

★

Alguns dias mais tarde, apareceu em casa de Lola uma pequena de olhos vivos e sorriso agradável, que chamava-se Marie. Desejava alugar um quarto que êles tinham há muito tempo desocupado. Soubera da bondade de Lola e viéra rogar que a aceitasse como inquilina. Com o desaparecimento de Sheba, Lola achava a casa muito vazia e a vida ainda mais sem atrativos, reconhecendo que a companhia da jovem seria um motivo de distração. Não encontrou assim, como recusar o pedido de Marie, e a jovem fêz sua mudança, apesar dos protestos de Doc, que não compreendia a presença de um estranho na sua casa.

Quando Lola trouxe Marie pela mão e ela abriu um sorriso juvenil, Doc lembrou seu tempo de mocidade e sentiu que a pequena poderia simbolizar os sonhos perdidos. Aceitou-a também, de coração.

O tempo passou e Lola ficou sabendo que Marie era quase noiva de um rapaz de sua cidade natal. Quando a moça começou a sair com um atleta da Universidade, ela não viu a amizade com bons olhos e falou a Doc, que retrucou:

— Você pode estar enganada . . . Marie quer com certeza apenas se divertir . . . e é muito natural, não acha?

Lola preferiu guardar as suas opiniões e não respondeu, mudando de assunto. Resolvera observar melhor o progresso daquela amizade, e se Marie estivesse em perigo, saberia aconselhá-la, como se fôsse sua própria filha. A afeição que já dispensava à garôta, era bem grande, e sofreria muito se ela viesse a perder as suas ilusões.

★

As semanas voam no calendário e a vida na casa dos Delaney continua a mesma. Sòmente Doc sente-se nervoso com sua atividade nas A. A., pois a visita aos casos mais graves, dos que não haviam vencido a bebida, abalava-lhe os sentidos e a recuperação fazia-se muito lenta.

Uma noite surpreendeu Marie em companhia do atleta e não gostou das maneiras do rapaz. Disse isso a Lola, que sorriu satisfeita por tê-lo como aliado na sua luta para salvar Marie de alguém que não merecia o seu interêsse de moça. Quando Bruce, o noivo da pequena, mandou uma carta dizendo que viria visitá-la, Lola ficou alegre e planejou com Doc uma recepção ao rapaz.

Marie é que não se mostrou muito satisfeita com a carta do noivo, pois enfeitiçada pelos carinhos afoitos de Turk, o atleta, não estava certa se ainda gostava de Bruce, ou se havia sido apenas uma impressão desfeita pela realidade da presença do novo namorado.

Na véspera da chegada de Bruce, Doc surpreende um colóquio entre Turk e Marie e vê quando se beijam com paixão. Sente ímpetos de esmurrar o rapaz e repreender a jovem, pois a quer como a sua filha. Não faz nada disso, retira-se desiludido e no dia seguinte recomeça a beber. O problema não era seu e êle começava a sentir o mesmo pêso na alma, como na época em que Lola dissera que ia ser mãe. Quando voltou, disse coisas pesadíssimas à espôsa, apontando-a como responsável pelos modos levianos de Marie, e afirmando que ela era amante de Turk, desprezando o sincero afeto de Bruce.

Doc tem uma crise e cai desacordado. Bebera muito e o coração não resistira ao esfôrço. Lola correu ao telefone e pediu á ajuda de Ed e Elmo, companheiros do espôso, e que sempre socorriam Doc nos momentos de aflição. Ed e Elmo levaram o amigo para o hospital, onde ficou em repouso.

Ao acordar do torpor que a bebida deixara em seu corpo, principalmente no cérebro, Doc recobra a lucidez e pensa em Lola e no que lhe dissera. Fôra inútil o seu desespêro e a espôsa não merecia que êle falasse daquele modo. Doc sabia que havia errado e estava disposto a recomeçar, afastando para sempre as aflições.

Outra vez em seu lar, ao lado de Lola que perdoara todos os seus recalques, Doc Delaney recupera a paz de espírito que julgava perdida para sempre. Tem um sorriso quando Lola comunica que Marie e Bruce já estão casados.

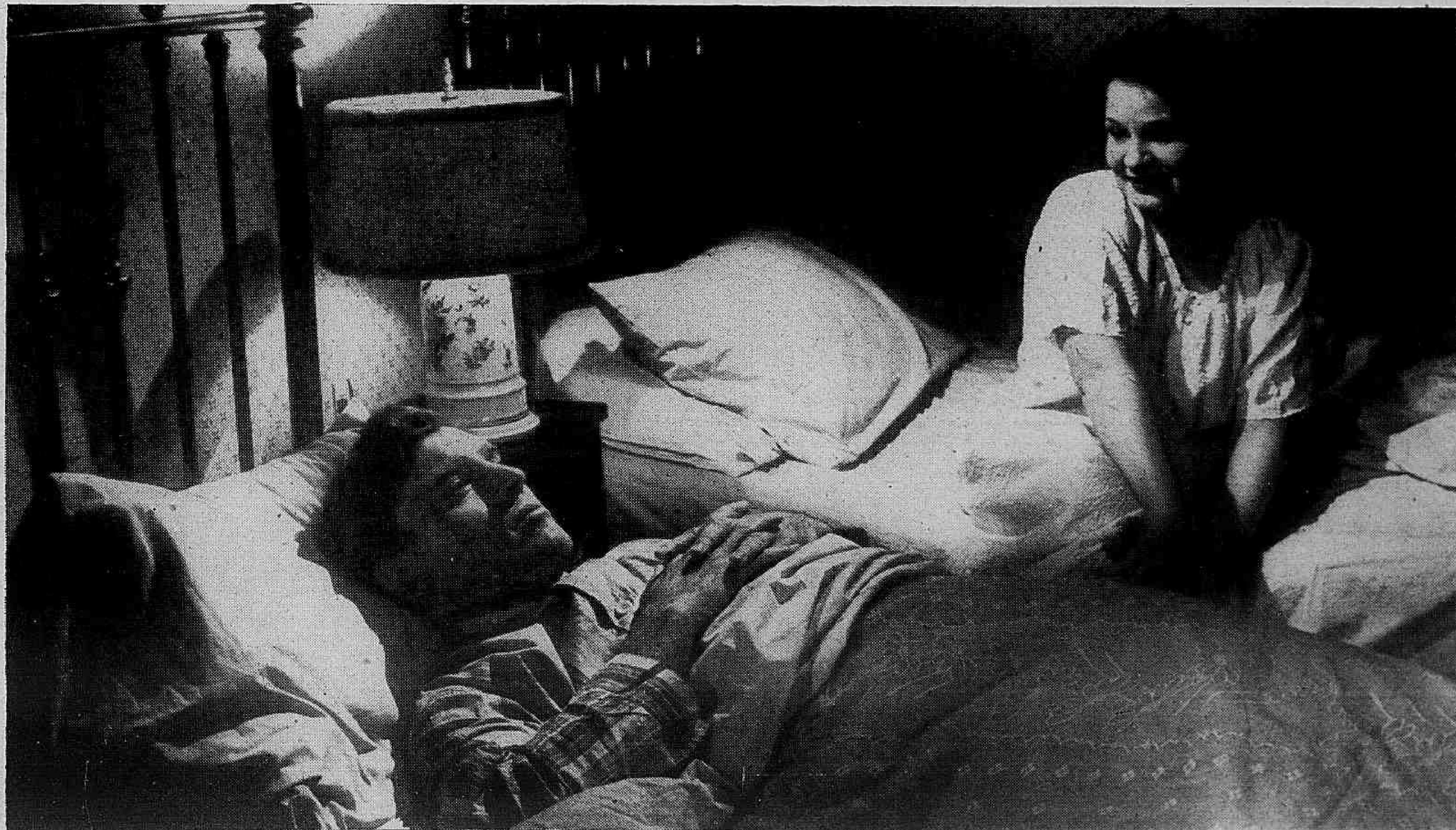
Mesmo sem a presença do pequeno Sheba, Doc e Lola vão iniciar uma vida nova, sem trevas e sem rancores, feliz e tranqüila. **(Fotos Paramount)**



Doc teve ocasião de ver que Marie estava apaixonada pelo atleta Turk, e poderia perder-se com aquêle amor!



Desesperado, Doc insulta Lola e está a ponto de cometer uma loucura! Êle pensava em Marie como uma filha!



Para salvar as aparências, Doc casara-se com Lola, destruindo os sonhos de sua juventude. Era um amargurado, apesar do amor da espôsa.

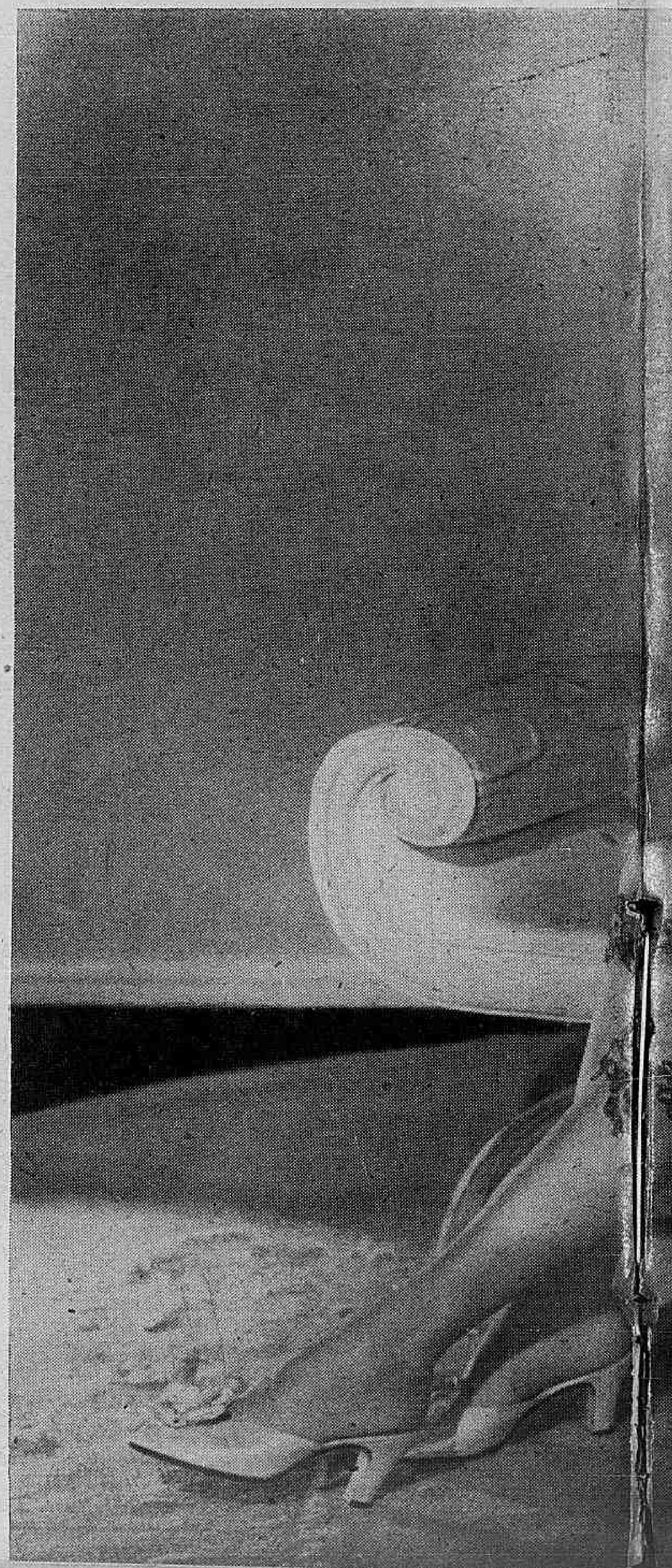


Reparem, gentis leitoras, como combina morovalhosamente com o traje negro em que brilham bordados caprichosos, o laço gracioso que completa a elegância de um sapato frágil e, portanto, feminino!

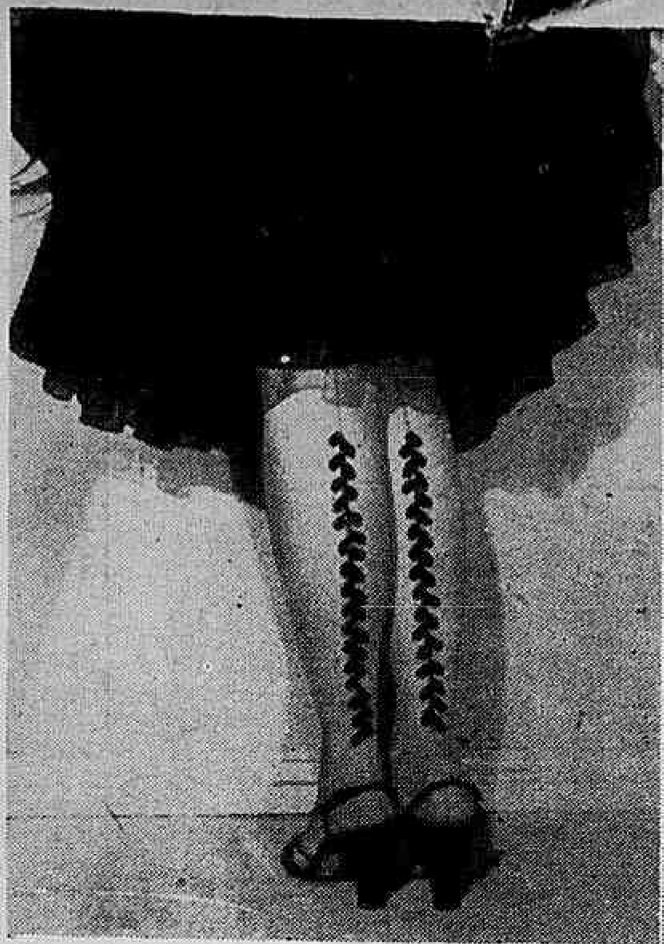
A MODA SE RENOVA em HOLLYWOOD



Na seqüência, um detalhe do laço só imaculados, outro enfeite caprichos exibe um de







ço sôbre a meia invisível. Quase nos joelhos
choso. Acentuando tão belas pernas a meia
m desenho elegante.





A moda, caprichosa como a mulher, desenvolve-se em Hollywood, num requinte de bom gôsto. Ela não é apenas conseqüência lógica de quem deseja parecer ainda mais sedutora, é lógica se atentarmos que a mulher tem o direito e o dever de parecer mais bela!

UMA coisa é absolutamente certa: a Moda em Hollywood acompanha a evolução da própria beleza, e está em função quase sempre, do capricho admirável das mais belas "estrêlas". O centro conhecido como o "ditador da moda" não é a meca do cinema, bem sabemos, mas a Cidade Luz, Paris. Paris não conta, porém, com os filmes a seu serviço, e nem sempre seus costureiros famosos dispõem de modelos tão encantadores e cheios de "charme" irresistível, como Hollywood. Daí a razão do imenso público feminino acompanhar a moda das "estrêlas", porque o grande objetivo é imitá-las, em tudo e por tudo... Nesta página, reunimos os mais recentes requintes da moda, pelo capricho aceitável que tem a mulher de parecer ainda mais bela, e quanto mais bela, mais jovem, atraente, sedutora e inevitável.

As nossas leitoras poderão observar que até parecer elegante exige algumas concessões àquilo que fora do âmbito da moda, pareceria excêntrico. As fotos falam bem melhor do que nós, do que se criou em Hollywood para embelezar a mulher no que ela possui de mais gracioso: as pernas. E' admirável êsse esfôrço contínuo para encontrar a essência do belo através da moda que, nada mais é do que um espelho onde se refletem os caprichos do sonho maravilhoso de chegar à perfeição, enriquecendo com uma divina intuição, o que a natureza criou sem enfeites... — (Fotos Universal).

LENITA BRUNO

ESTRÊLA DA CANÇÃO POPULAR



CHIQUINHO, êsse maestro sempre jovial, é responsável pela descoberta de Lenita Bruno, um mimo de garôta de voz de ouro! Chiquinho procurava uma «lady-crooner». Lenita apareceu, disse que cantava, que tinha vontade de vencer no rádio e ganhou com isso a inscrição num concurso que procurava alguém para cantar com acompanhamento de Chiquinho e sua orquestra. Lenita venceu brilhantemente e passou a ser um cartaz da música popular brasileira. Dá gôsto ouvir sua voz e as melodias de um bem cuidado repertório. Seu forte é a música norte-americana, mas em tôdas elas Lenita se mostra segura de seu valor, caminhando ao lado do Êxito!

Rádio

A PEQUENA REPORTAGEM:

O RECRUTA VIROU "SHERIFF"

Texto de JIM LOPES



O destino radiofônico dêsse portento de inteligência do homem de rádio que é Aloísio Silva Araújo, tem sido criar programas que fazem sucesso e saem do ar por culpa dêsse mesmo sucesso. E' paradoxal, mas é verdade. Aloísio veio de São Paulo precedido de bôa fama para apresentar na «Seqüência G-3», que Gilberto Martins comandava na Tupi, um quadro intitulado «Cadeira de Barbeiro». Estávamos na época das críticas ao regime, quando o Govêrno fazia a vida subir assustadoramente e tudo parecia caminhar para um caos verdadeiro. Aloísio pegava da «navalha» e conversava com o freguês (pobre freguês), enquanto lhe fazia a barba. Seu assunto: as misérias da vida no Rio e nos Estados, a situação política, a falta de classe dos homens públicos, a vergonheira de uma cidade que tinha sido até então «maravilhosa». Aloísio tanto falou e tanto abriu os olhos do povo que ouvia o seu programa com crescente entusiasmo, que acabou tendo as orelhas puxadas pelos superiores. Que êle falasse era permitido e até estimulado, mas não mexesse com alguns «previlegiados». Um dia a «cadeira» foi lacrada simbòlicamente e o Aloísio do «Quem é o Primeiro», desapareceu de circulação. A Rádio Mayrink Veiga reconhecia-lhe o valor, mas a Nacional estava no páreo. Ganhou a emissora de Vitor Costa, e Aloísio pensando que dava o maior golpe de sua vida artística, aceitou o contrato, rindo feliz por todos os poros. Após algumas semanas na Nacional, num banco de praça, em plena Cinelândia, Aloísio me confessava a sua desilusão.

O sucesso já não era o mesmo e êle não sentia aquilo que sempre sentira no auditório da Tupi: o aplauso sincero dos que compreendiam a sua arte de humorista, humorista sem recursos ao licencioso. Na Nacional, Aloísio lançara o programa «Restaurante Sublime Indulgência». Dava pena ver o esfôrço do artista, barrado pelos «colegas», que invejavam às claras o seu cartaz e o seu sucesso, pequeno, mas evidente. Enquanto as cartas dos ouvintes chegavam pedindo que Aloísio aparecesse com outros programas, a onda da Nacional aumentava. Aloísio coçou a cabeça e viu que era melhor mudar-se para a Mayrink. Gilberto assumira a direção e acenava-lhe com um contrato e bons horários. Rápida passagem pela A-9 e um pulo até São Paulo para ver como o ambiente andava por lá. Não havia mudado, continuava o mesmo, simpático e acolhedor. Aloísio voltou depois de algumas semanas e fixando-se na Mayrink, lançou o programa «Recruta 23», em audições de meia-hora. Um sucesso estrondoso alcançou «Recruta 23», provando o valor cômico de Aloísio, e o cinema nacional chegou a ensaiar o propósito de prendê-lo por um longo contrato. Mas, como a «Cadeira do Barbeiro», o «Recruta 23», mesmo sendo engraçado, fazia o ridículo dos Sargentos que não se conformavam com a caricatura, repetida tôdas as semanas. A classe mobilizou-se e protestou, encontrando eco depois de alguns meses na direção da A-9. Novo recuo de Aloísio, nova desilusão, nova contra-marcha. Agora recebo a notícia de que o «Recruta» virou «Sheriff», e anda contando suas aventuras de comicidade irresistível no auditório da Mayrink. Vamos ver se dessa vez Aloísio consegue sobrepor-se às convenções e aos protestos (!), para brilhar como merece. Já é tempo de deixarem Aloísio trabalhar sem essas campanhas que aniquilam, aos poucos, um dos bons valores do rádio!

ONDA VAI... ONDA VEM...

O RÁDIO está cheio de ondas, pesadas e leves, conforme o cartaz das pessoas visadas. Tudo depende de como se pode envolver o «fulano» ou a «sicrana» numa onda, sem que os mesmos tenham «chance» maior de vencê-la e nadar para a terra firme. A coisa arrebentou para os lados da Tamoio. A estação está caindo a olhos vistos. Uma emissora que irradiava normalmente intervalos de quase três minutos (!) de textos pagos, ficou reduzida a uma situação incrível. Ouvimos a Tamoio num bom horário noturno transmitindo cinco textos apenas, e de propaganda de seus próprios programas! Pobre B-7! Seu destino glorioso acabou mudando, apesar de tôdas as hipóteses em contrário. Coisas do rádio...

UMA ONDA insistente, que vai e vem, é aquela sôbre a saída de Geraldo Luís do comando das transmissões turfísticas da Continental para o pôsto ocupado por Teófilo de Vasconcelos na Rádio Jornal do Brasil. A história de Geraldo Luís é curta, mas de certo modo brilhante. Rapaz esperançoso no rádio inscreveu-se no concurso que Ari Barroso criou com o propósito de descobrir e lançar um novo locutor esportivo. Geraldo Luís alcançou o terceiro lugar e como não desejasse ficar na «cêrca», para usar a gíria esportiva, aceitou treinar na Continental e foi designado para as transmissões diretas do Hipódromo da Gávea. Ganhou «cancha» e em pouco tempo comandava a equipe, demonstrando valor e dedicação. Enquanto isso, Teófilo de Vasconcelos, locutor oficial do Jóquei Clube, era o único a transmitir as corridas de cavalos até a chegada estrondosa de Geraldo Luís. O rapaz foi vencendo e vendo o próprio cartaz subir de dia para dia. Agora surge o boato insistente de que a Jornal do Brasil resolveu chamá-lo para o lugar de Teófilo, que por sua vez passaria, com armas e bagagens, para a «cem por cento esportiva». Tudo está dependendo de alguns zeros à direita no contrato de Geraldo. Ciente do próprio valor, Geraldo valoriza-se, o que é muito justo e compreensível...

O SR. NORMANDO LOPES, um moço que veio certo dia de Curitiba procurando uma oportunidade no rádio carioca, encontrou-a na Tamoio e depois brilhou ao ser eleito presidente do Sindicato dos Radialistas. Apoiado pela simpatia do ministro Segadas Viana, começou a lutar pela melhoria da classe, e por salários mais altos para o pessoal que faz rádio como profissão. Agora chega a notícia de que o sr. Normando gritou demais, a ponto de ferir os ouvidos do sr. Chateaubriand. Aquilo que todos esperavam, aconteceu. Normando sobrou! Diz êle a um vespertino: «Agora terei tempo de trabalhar pelo Sindicato». Um idealista; como poucos nesse rádio que é o tormento e alegria de todos nós...

COMENTA-SE que a Continental perderia Cozzi e tôda equipe para a Eldorado, agora realmente interessada nas transmissões esportivas. Até que d. Ana Khoury, em nota oficial, desminta os novos boatos, a onda prosseguirá, atingindo Cozzi e sua famosa equipe de rádio-repórteres. É por isso que se diz que o sr. Rubens Berardo voltará correndo dos Estados Unidos. Êle saberá contornar a situação, se é que ela existe mesmo!

Gente de RÁDIO

ELA...



Nair Amorim era uma pequena que sonhava dia e noite com as glórias do microfone, mas não ficou no contemplativo. Resolveu vencer ela própria os obstáculos naturais da carreira, e ei-la inscrevendo-se no elenco de novos da escola de rádio-teatro mantida pela Prefeitura da Cidade Maravilhosa. Com o mestre Berliet aprendeu os primeiros passos na interpretação do teatro-cego, e desde logo verificaram que a garôta dava para a coisa. Treinando e caprichando, sua oportunidade acabou chegando (rimou e foi verdade), quando Waldeck convidou-a para participar das novelas matinais da ex-Cruzeiro, hoje Metropolitana. Nair aceitou, é claro, e brilhou ao microfone D-2. Dali rumou para a Tamoio onde fincou pé e conseguiu um cartaz dêste tamanho! Bem maior que ela própria que é pequenininha, pequenininha!

ÊLE...



Antes de entrar para o rádio, Pedro que também era Evangelista, trabalhava como tradutor de histórias em quadrinhos no antigo «Suplemento Juvenil». Garoto talentoso, o moço Evangelista foi subindo, e um dia teve o ensejo de mostrar sua real vocação, a literatura. Escreveu um livro que fêz tremendo sucesso entre as crianças brasileiras. Falava da vida e da obra de Anchieta. Anísio provava assim que tinha valor e poderia sair da limitada órbita em que vivia para pulos mais altos. O rádio fascinava-o e ei-lo escrevendo novelas que trouxeram para o seu nome o cartaz e prestígio que ainda desfruta, apesar de estar um tanto fora de forma, mais por culpa da indiferença que hoje o envolve, inexplicàvelmente. Na Nacional, Pedro Anísio produziu programas maravilhosos, como aquêle do «Pássaro Azul», baseado na obra de Maertinlik.



COMO ATRIZ característica, na Nacional, Ema Dávila é uma das melhores do rádio brasileiro. Muita graça expontânea, maior talento e boa dose de sensibilidade artística, eis os predicados de Ema Dávila, há tantos anos brilhando com a Dona Xandoca da série de programas escritos por Guiaroni, sôbre os «campeões da falta de serviço», Tancredo e Trancado, ou melhor, Brandão Filho e Apolo Corrêa. Ema Dávila é sem dúvida o ponto alto da audição e quando ela falta, o programa decai, porque Brandão Filho sente-se «um pouco só» sem a sua Xandoca. Ninguém a substitui e isso é sinal de que Ema integrou-se naquele papel. Mas, não é sòmente aí que Ema Dávila se impõe como artista; em vários programas da Nacional, emissora onde ela encontrou seu verdadeiro ambiente.

Ronda

NORA NEY estava excursionando pelo interior e por êsse motivo não compareceu perante o juiz no dia em que seu caso de separação do marido foi julgado. Cleido Maia negou que tivesse tentado matar a espôsa, esclarecendo ao juiz: «Se eu quisesse vê-la morta, não a teria socorrido naquelas circunstâncias». O assunto arrasta-se e quanto mais o tempo passa, Nora Ney ganha mais cartaz. O que é bom!

★

MARLENE E LUÍS DELFINO estréiam no Teatro dispostos a repetir o sucesso alcançado com «Depois do Casamento». Mário Brasini, da Nacional, ainda é o diretor do elenco, que a majestade da música popular lidera com justiça, graça e talento!

★

A TUPI apresenta aos sábados, às 21,00 horas, as audições quase sempre desinteressantes do programa de Castro Barbosa, «Um dia na Feira». Acontece que o programa tem patrocinador. Vai daí...

★

E DO SUCESSO de Dalva, lá fora, ninguém fala. Parece que desta vez Dalva precisa urgentemente de regressar. Estamos ficando com saudade — dizem seus milhares de fãs, cada dia que passa!

★

CONSTOU QUE BADU deixaria a Tupi para casar com a atriz Samaritana Santos. Do casamento ainda não tivemos notícia. Pode ser que tenha sido secreto, o que é sempre mais romântico.

★

MARY GONÇALVES continua atuando na Mayrink Veiga. A menina está necessitando de alguma coisa que faça a atenção do público voltar outra vez para seu nome. Um cartaz não deve baixar, nunca, sob nenhum pretexto, Mary.

★

MILTON DE ANDRADE, um moço de ótima voz, cantor popular que andava fazendo um bruto sucesso lá em Recife, na Rádio Tamandaré, tendo atuado anteriormente na Rádio Sociedade da Bahia e Cultura da Bahia, está no Rio, onde espera vencer como merecem os que realmente possuem vocação para o microfone. Consta que Milton de Andrade está em negociações com uma emissora carioca, e o negócio vai correndo para uma feliz solução. Antes assim!

★

O PROFESSOR Oswaldo Diniz Magalhães, o homem de rádio que há longos anos preocupa-se com o físico dos ouvintes, dá aulas de ginástica, diàriamente na Globo, das 6,15 da manhã, em diante. E' só aproveitar.

★

A RÁDIO GUANABARA está apresentando às segundas, quartas e sextas-feiras, das 12,45 às 13,00 horas, o programa da advogada dra. Maria José do Brasil, «De Braços Abertos», dedicado à infância desamparada. Uma obra meritória através do poder de penetração do rádio.

★

PAULO ROBERTO escreve e a Nacional apresenta às quartas-feiras, às 21,30 horas, «Honra ao Mérito».

★

CONSTA que a Emissora Continental pretende contratar Herón Domingues, o famoso «Repórter Esso», da Nacional. Para isso estaria providenciando um «caminhão de dinheiro», como se diz na gíria gostosa da cidade. O homem vale muito e ao microfone, lendo noticiosos, é o tal!

★

OTTON CORRÊA é o responsável pela homogênea equipe de rádio-teatro da PRN-9, emissora do Departamento Federal de Segurança Pública, que opera em ondas curtas. Otton escreve ainda alguns programas de rádio-teatro daquela estação. Trata-se de um valor novo à espera de sua oportunidade. Com a palavra os descobridores de talentos.

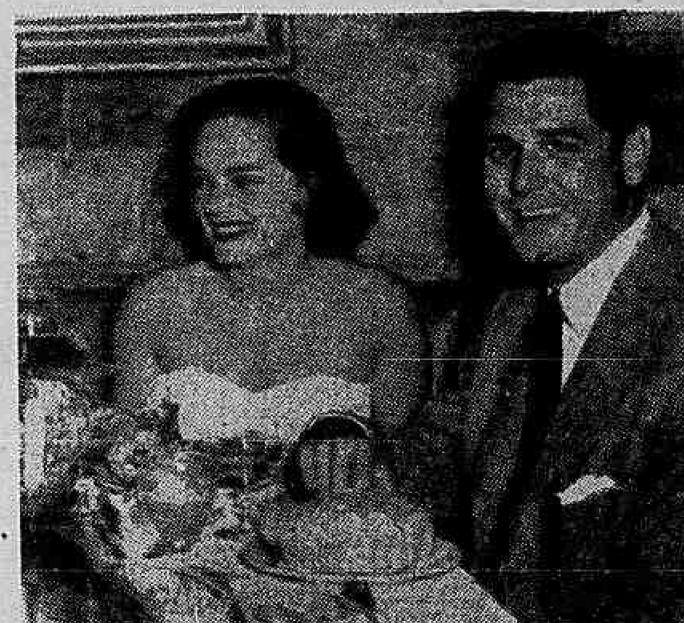


UM DIA disseram a «Black-out» que êle podia fazer cinema, e o escurinho da Rádio Nacional agarrou-se à primeira oportunidade que apareceu. Luís de Barros mandou chamá-lo para «Eu Quero é Movimento», filme de Badu, e um cineasta italiano cismou que «Black-out poderia ser o Chevalier nacional, «colored» ainda por cima! Black-out maquilou-se, esperou durante duas horas e foi ver de perto como funcionava uma câmara. As luzes se acenderam, o italiano gritou «Carrelo avante» e a câmara avançou para Black-out que começou a se espalhar entoando um sucesso de seu repertório. De repente o italiano gritou: «Corte», e veio correndo explicar ao cantor da E-8 como devia ficar quando êle dissesse «Ação». Black-out ouviu tudo calado e procurou acertar. As cenas ficaram no laboratório e o «colored» da Nacional desistiu de ser ator...

a Vida do Cinema



EM SÃO PAULO a Republic levou a efeito uma sessão especial, dedicada à imprensa e elementos do cinema nacional, de seu filme tantas vêzes premiado, "Depois do Vendaval", com John Ford dirigindo John Wayne mais uma vez, e mais uma vez conseguindo impor-se como um dos maiores cineastas do cinema norte-americano. Estiveram presentes, entre outros, Fernando de Barros, sua espôsa, a atriz Marisa Prado e Ruth de Souza, todos da Cia. Vera Cruz, que aparecem no flagrante conversando com o sr. Pedro Teitelbaum, diretor da Republic do Brasil e José de Borba Vita, gerente da mesma Emprêsa, em São Paulo.

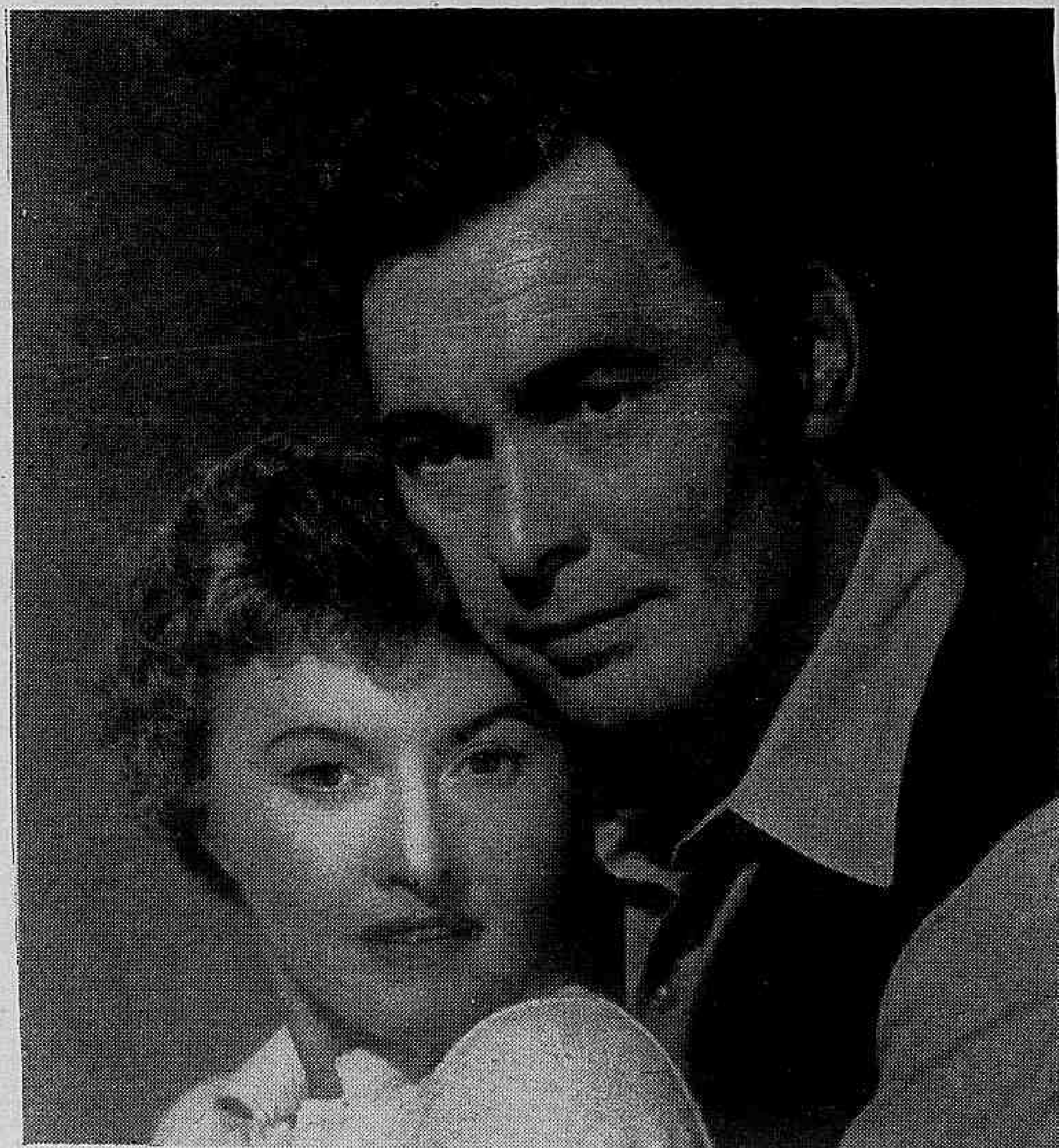


NADA CONSEGUE abalar a felicidade do casal formado por Alexis Smith, considerada uma das "estrêlas" mais bonitas do cinema e Craig Stevens. Não raro, êles passeiam sua harmonia conjugal pelas "boites" e "parties" da capital do cinema, sorrindo despreocupadamente aquêle sorriso que só as criaturas verdadeiramente felizes podem exibir. Alexis, que inicia na Paramount a fase mais importante de sua carreira, acha que um casamento perfeito concorre decisivamente para o sucesso de qualquer criatura fora do lar. Ela deve falar com bastante experiência, convenhamos... (Foto Press Cinema).





ESTA GARÔTA, com acentuados traços masculinos, no rosto, nos olhos, nos lábios, nas mãos, nos braços, na pose, na roupa, é uma sensação representando, e vocês a verão em "Depois da Tormenta" (Monson) o tão esperado filme de lançamento da alemãzinha Ursula Thiess, que entre outras coisas é a namorada oficial de Bob Taylor. Chama-se Oona Maxwell e chega ao cinema com disposição bastante para vencer ràpidamente, desprezando convenções, por mais antigas que sejam. Seu primeiro papel lhe dá crédito para continuar, dependendo apenas do julgamento (sempre severo) do público. Ela confia no público. E nela própria! (Foto United Artists).



A DUPLA é inteiramente nova, mas é preciso dizer antes que vocês formem qualquer juizo apressado, que não se trata de mais uma experiência. Os produtores da Metro acreditam nesse casal que deve perpetuar na tela uma vida artistica bem intensa, iniciada com um drama de título pomposo, justificado por uma história cheia de vigor e transbordante de emoções: "Vida Contra Vida". A máscara bem posta de Barry Sullivan (que já foi um bom galã) junta-se à feminilidade evidente de Barbara Stanwick, uma "estrêla" que desprendendo-se de um mundo centimental recentemente destruido, quer consagrar-se única e exclusivamente, à sua carreira. (Foto Metro).



No teatro «Hillstreet», da RKO, foi levada a efeito uma «première» de «Veio do Espaço», o primeiro filme da Universal, em Terceira Dimensão!

OS "ASTROS" E A TERCEIRA DIMENSÃO

UMA VISÃO DO QUE FOI O LANÇAMENTO DO PRIMEIRO FILME DA UNIVERSAL, EM TERCEIRA DIMENSÃO! ★ UMA FESTA COM A PARTICIPAÇÃO DE ARTISTAS FAMOSOS, MAIS INTERESSADOS NA 3-D, QUE SEUS PRÓPRIOS FÃS ★ UM LIGEIRO PANORAMA DA SITUAÇÃO ATUAL DE HOLLYWOOD COM A PERSPECTIVA DE OUTRA ARRANCADA VITORIOSA NO MUNDO DAS DIVERSÕES ★ O CINEMA RELÊVO INTERESSA AOS ARTISTAS, QUE LUTAM PELA SUA VITÓRIA DEFINITIVA!

Texto de HAROLD HACTH — (Exclusivo para «A CENA MUDA»)

NINGUÉM mais do que os próprios artistas de Hollywood estão interessados no desenvolvimento da Terceira Dimensão, a grande arma do cinema contra a concorrência cada vez mais séria, da televisão. Se a TV americana não tivesse mostrado o poder de suas atenas em uma penetração que se foi tornando mais evidente, talvez o mundo ainda esperasse alguns anos pela Terceira Dimensão, já que o processo de dar relêvo aos filmes era considerado como coisa de experiência nos laboratórios, podendo permanecer nessa situação ainda por algum tempo.

E' fácil imaginar que na indústria do cinema estão invertidos vultosos capitais, e das entrevistas concedidas pelos "big-shots" dos estúdios, constatamos que em Hollywood desenrola-se uma crise de interêsse do seu grande público (êles se referem ao público dos Estados Unidos), agravada com os programas de televisão cada vez mais atraentes e oportunos. Com o dinheiro empatado nos filmes e nos "tests" constantes com o lançamento de novos artistas, Hollywood necesssitava urgentemente de refazer-se, e o caminho foi o cinema em relêvo, relêvo que é acentuado com as côres já descobertas e provadamente agradáveis ao público dos filmes de tôdas as categorias.

Assim, surgiu a Terceira Dimensão, e vai num crescendo com as rendas fantásticas



Também no «Pantages», o público não foi menor para assistir a «Veio do Espaço». No programa exibiram um «short» em Terceira Dimensão, com Nat King Cole.



Edward G. Robinson e espôsa estiveram presentes ao lançamento da Terceira Dimensão.

OS "ASTROS" E A


«Veio do Espaço» foi assistido por uma multidão de fãs que desde cedo procurou lugar no «Pantages».

que obtém em países onde o cinema era dado como ponto morto. Nos Estados Unidos, principalmente, os fãs comparecem ás estréias dos filmes em 3-D, convictos de assistir a um espetáculo inteiramente diferente e não saem decepcionados, pois recebem e experimentam emoções em penca!

Está, dêsse modo, o cinema em relêvo atraindo aquêles que já se haviam entregue, talvez por comodismo, ao reino da TV. Fora dos Estados Unidos a crise do cinema era considerada coisa séria, não pela competência da televisão que aí existia em dose muito pequena e com um sucesso algumas vêzes inferior ao conseguido pelos filmes cinematográficos, mas sim pela fraqueza dos argumentos, considerados na sua maioria como demonstrações vivas de falta de inteligência. Com o correr dos anos foi-se modificando o conceito de "estrelismo", e os fãs em menor dose acorriam ao cinema, exigindo que as películas não mostrassem apenas o rosto dos astros favoritos, mais do que isso, uma história consistente, digna da inteligência mediana.


Susan Ball, mesmo depois de uma séria operação, veiu assistir ao filme da Universal.



Maureen O'Hara, a linda «estrêla», compareceu em companhia do irmão, Charles Fitzsimons. Ei-la ao microfone.

TERCEIRA DIMENSÃO



Richard Carlson, «astro» do primeiro filme da Universal em 3-D, comparece com a espôsa. Êle exibe os óculos «polaroid» que permitem ver o relêvo nos filmes.



Também Vittorio Gassman e sua feliz espôsa Shelley Winters, foram assistir à Terceira Dimensão.

Como isso não acontecesse foi o cinema baixando suas rendas e especulando com artistas novos, comprometendo-se nas refilmagens, recorrendo ás reprises sem propósito, até compreender que era hora de criar um novo interêsse, e nada melhor que ativar tôdas as experiências e fazer o mundo tomar conhecimento da Terceira Dimensão. Parcialmente salvo e aparentemente restabelecido, o cinema de Hollywood (para citarmos o grande centro de produção de filmes que alimenta as casas exibidoras dos demais continentes) entra numa fase definitiva, tranqüilizando seus adeptos de tôdas as idades.

Entre os grandes estúdios que aderiram com entusiasmo à Terceira Dimensão, está o da Universal, cuja primeira película pelo referido processo, vem de merecer um lançamento todo especial, triunfando nas grandes cidades. Intitula-se "Veiu do Espaço", e foi considerado um dos melhores espetáculos no gênero; pela soma de emoções

(Cont. na pág. 34)



Na festa, Jeff Chandler, Piper Laurie e Brad Jackson, enquanto não começava a projeção do filme em 3-D.



Barbara Rush, «estrêla» de «Veio do Espaço», concede entrevista a Jeff Chandler, na presença de seu espôso, o «astro» Jeffrey Hunter.

GENTE NOVA



SÔNIA CORREIA — Foi Silveira Sampaio quem deu a grande oportunidade a Sônia Correia de iniciar uma carreira teatral que poderá ser brilhante. Achava-se Sônia no «Nick Bar», em S. Paulo, quando soube que Sampaio estava precisando de gente para a sua companhia. Vindo para o Rio participou de espetáculos de televisão e teve um bom papel em «O Cavalheiro sem Camélias».

O TEATRO AMERICANO

ACONTECEU em New York, como pode acontecer — e acontece — por êste mundo de N. Senhor. Haja companhias representando e críticos criticando e haverá, sempre, descontentes. Inexoràvelmente. Troca de gentilezas quando as impressões são elogiosas ou diretas referências à burrice dos articulistas teatrais se as opiniões discordam. E assim o teatro vai vivendo sua vida multi-secular.

Aconteceu com a produção de «Camino Real», a última peça de Tenessee Williams — que, aliás, tivemos ocasião de assistir em New York, um fabuloso trabalho de direção de Elia Kazan. Mas, a turma da primeira fila nova-iorquina não se desmanchou em elogios candentes, bons para serem reproduzidos nos imensos cartazes de publicidade que a imprensa arma na porta do teatro. O produtor não desanimou, porém. Fêz derramar, em letra pintada a destaque, as impressões de um grupo de figurões incluindo comoventes elogios de quatro congressistas, um magnata de imóveis, quatro escritores teatrais, três atores, um dançarino, um compositor e Gypsy Rose Lee — num rosário de frases consagratórias dos méritos que os críticos pareciam ter deixado passar em branca nuvem... Acrescente-se, finalmente, que «Camino Real» teve vida curta no cartaz.

O EXTRAORDINÁRIO Robert E. Sherwood (Floresta Petrificada) tinha duas novas peças — «The Better Angels» e «The Seventh Floor» — programadas para a temporada do ano passado, na Broadway. Um contrato, porém, com a televisão, em condições excepcionais, fê-lo adiar a produção de suas novas peças.

Bastidores

SOUTO DE ALMEIDA

FORA DE CENA

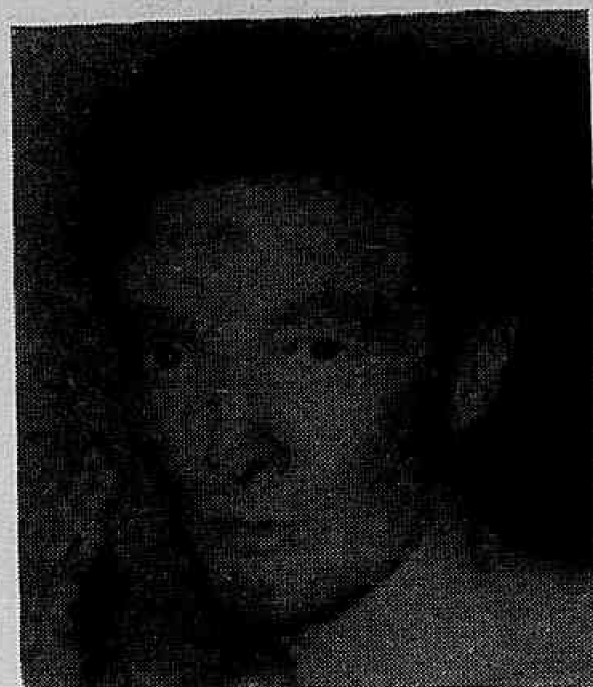
● *Oscarito estreará êste mês no Teatro Glória, fazendo comédia pela primeira vez. Aguardamos com interêsse a nova experiência do conhecido ator cômico, que por seus dotes histriônicos conquistou um lugar de primeiro plano entre os grandes comediantes de revista, com trabalhos vitoriosos no campo do cinema. A peça de estréia — "Cupim", da dupla Mário Lago e José Vanderlei — possui outros motivos de atração, entre êles o retôrno de Margot Louro, espôsa de Oscarito, e a apresentação teatral da filha do casal, a jovem Míriam. O elenco inclui Hortência Santos, excelente comediante que não tem tido oportunidades à altura de seu talento e ainda Sérgio de Oliveira, Carlos Cotrim e Adriano Reis. Os cenários são de Fernando Pamplona e a direção é de Mário Brasini.*

● *A temporada da companhia Eva Todor, em Belo Horizonte tem sido um grande êxito de bilheteria, embora a crítica mineira tenha feito restrições. Eva deverá estrear em São Paulo no próximo dia 11, no teatro Santana, com a peça "A Milionária", de Bernard Shaw. O simpático casal Leda Vale-Jorge Dória faz parte do elenco dirigido por Willy Keller.*

● *A companhia de comédias Marlene-Luís Delfino também estreará êste mês, indo ocupar o teatro Rival, e do elenco fazem parte Iracema de Alencar, Osvaldo Louzada, Roberto Duval, Renée Bell e Gilberto Martinho. O pano abrirá dia 15 de setembro, com a peça "Angelina e o Dentista". E' curioso notar que direção e cenários são assinados por Mário Brasini e Fernando Pamplona, que preparam o espetáculo de Oscarito.*



O TEATRO INTERNACIONAL E AS FESTAS DE S. PAULO



AS DIFICULDADES cambiais êste ano nos impediram de assistir a um elenco estrangeiro. Apesar da temporada pouco expressiva realizada no ano passado pela «Comedie Française», é sempre com grande interêsse que recebemos a visita de companhias estrangeiras. Em princípios dêste ano falou-se que viria o autor e ator inglês Peter Ustinov com um elenco britânico (uma das peças de Ustinov, «O Amor dos Quatro Coronéis» foi um grande sucesso na Broadway, na interpretação de Lili Palmer e Rex Harrison). Mas, a desvalorização internacional do cruzeiro também atingiu a nossa ribalta e a vinda de mr. Ustinov gorou. No entanto, com os festejos do quarto centenário da fundação da Cidade de S. Paulo, a terem lugar no próximo ano na capital paulista, anuncia-se a vinda de dois dos mais expressivos grupos da cena contemporânea: o **«Piccolo Teatro» de Milão** e a **Companhia Madeleine Renaud-Jean-Louis Barrault.** A visita dos elencos italiano e francês será uma das mais significativas atrações dos festejos da fundação da Cidade de S. Paulo.

"O HOMEM, A BÊSTA E A VIRTUDE"

O maior dos contratempos sofreu a companhia de Luís Barreto Leite na sua estréia, no Teatro de Bôlso. A relação de personagens do original escolhido — «O Homem, a Bêsta e a Virtude», de Pirandello, exigia a presença de dois menores no elenco. Mas, o Juiz de Menores não concordou com mestre Pirandello e não permitiu que os atores de calças curtas participassem do espetáculo, o que motivou substituições de última hora. No dia da estréia, o ator José Lewgoy, de texto em punho, leu um dos papéis. Com a modificação feita pela direção, para atender à imposição legal, o espetáculo prossegue com pleno êxito no Teatro de Bôlso, em Ipanema.

MAGALHÃES GRAÇA

— O ADVOGADO E PIANISTA QUE SE TORNOU ATOR

"Meu ideal é o teatro dramático. Sou um ator dramático e não um ator cômico. Espero poder demonstrá-lo mais cedo ou mais tarde" — foi o que nos revelou Magalhães Graça. Contudo, suas grandes oportunidades têm sido, exatamente, no gênero comédia, como o público tem tido oportunidade de verificá-lo na atual temporada da Cia. Silveira Sampaio, no Serrador. Desde os bancos escolares que Magalhães Graça tem sido uma legítima vocação teatral. Ainda no Colégio Pedro II e já estreava na comédia "Onde Estás Felicidde?", de Iglésias, encenada pelos alunos do estabelecimento. Em 1941 ingressava naquele excelente grupo de teatro experimental — "Os Comediantes" — fazendo um dos papéis de "Escola de Maridos". Ainda como amador protagonizou "O Avarento", de Molière, no grupo dramático da Faculdade Nacional de Direito.

Profissionalizando-se "Os Comediantes", deu-se também a estréia profissional de Graça, na peça "Mulher Sem Pecado", de Nelson Rodrigues. Depois, a convite de Silveira Sampaio, ingressou na companhia dêste e foi para S. Paulo, onde registrou um expressivo êxito em "O Professor de Astúcias", de Catalano, que o público do Rio pôde apreciar numa curta temporada no Teatro Municipal. Na companhia de Silveira Sampaio, Magalhães Graça teve a oportunidade de mostrar seus dotes histriônicos, nas peças "Deu Freud Contra", "Flagrantes do Rio" e no "Festival 1900".

Magalhães Graça não é apenas o excelente ator cômico que conhecemos: tem o título de bacharel em direito e podia ser um dos nossos bons pianistas, se se dedicasse ao teclado, com o curso de Alta Virtuosidade de Madalena Tagliaferro. E' torcedor fanático do Vasco e acha que o ponteiro Chico é o maior jogador do mundo.

Quando lhe indagamos que peça gostaria de representar, respondeu-nos: — "O Doente Imaginário", de Molière."

"O Professor de Astúcias" é sua peça preferida, "porque me deu a oportunidade de demonstrar que não sou apenas ator cômico. Na mesma peça pude ser lírico, cômico e dramático."

★

Entre as suas experiências em cena há uma, verdadeiramente anedótica, sucedida quando ainda representavam "Deu Freud Contra", no Teatro de Bôlso. Segundo ato, a peça se desenrolando normalmente, com Magalhães Graça e Silveira Sampaio contracenando, quando, inesperadamente, na escuridão, ouve-se um bonito grito de mulher! Reboliço na platéia, olhos voltados para o balcão onde a agitação era grande, representação interrompida e a expectativa de que algo catastrófico estava iminente. Mas, logo se descobriu a causa dos faniquitos femininos: uma barata. Em cena, porém, os atores não se perturbaram. Serenados os ânimos, Sampaio vira-se para Graça, que fazia o papel do filho Carlinhos, e disse, provocando uma gargalhada geral:

— O sr. está vendo? A sua mãe passa um mês fora e a casa se enche de baratas!

MAGALHÃES GRAÇA — Aplaudido como ator cômico. Mas não esconde suas preferências pelos papéis dramáticos. Nesta pequena conversa, Graça nos faz algumas revelações.





O Rio teve apenas a oportunidade de assistir, por alguns dias, a peça «O Professor de Astúcias», de Vicente Catalano, na série de espetáculos realizada no Teatro Municipal. Na «farsa-mímica» de Catalano, Magalhães Graça teve um de seus melhores desempenhos. Silveira Sampaio promete apresentá-la na atual temporada do Teatro Serrador. Em «Flagrantes do Rio nº 2», (foto à direita), Magalhães Graça teve a oportunidade de apresentar aos numerosos espectadores, uma paródia do personagem mímico Baptiste, criado pelo insigne Jean Louis Barrault.



René Le Guen voltou-se para Gino e viu quando êle encostou o ouvido à pesada porta, pressentindo que os carrascos se aproximavam. Alguém morreria na guilhotina!

CINE-NOVELA

Somos todos ASSASSINOS

A polícia procurava o frio assassino do velho vendedor de bolas de borracha, enquanto René lavava-se na casa de banhos da cidade. O homem das toalhas veio chamá-lo e êle respondeu que não amolasse. Os detetives agiam rápidos e foi fácil para êles saber que René era o suspeito número um. Entraram na casa de banhos dispostos a encontrar René para um interrogatório e o empregado, trêmulo, negou conhecer alguém com aquêle nome. Mas, diante da descrição feita pelo homem do bar, que traíra miseràvelmente o rapaz, concordou que o cliente de determinado quarto tinha semelhança com a pessoa que procuravam.

René percebeu que os policiais se aproximavam e não havia jeito de escapar. Sua linguagem era violenta e só sabia dizê-la com o cano de seu revólver. Atirou cegamente, quebrando os vidros e atingindo os homens que estavam do lado de fora! Os policiais rolaram por terra, fulminados pelas balas de René, que possesso, não parava de atirar!

No tribunal, foi em vão que o jovem e entusiasta advogado Arnaud tentou provar que René agira inconscientemente. A tese da loucura não foi aceita pelos juízes e os jurados não se compadeciam de sua sorte de menino sem instrução, vivendo no pior ambiente e necessitando lutar para conseguir um pedaço de pão. A guerra fizera de René um bruto e para viver era preciso matar. Haviam esquecido de lhe dizer que mata-se na guerra, impunemente, o inimigo em defesa da Pátria, mas depois deve-se guardar a posição de homem pacato. A inteligência de René era cúrta demais para compreender a gravidade de sua situação. Limitava-se a ouvir e a olhar o público que se comprimia na sala do tribunal, ávido de emoções por aquêle caso que ameaçava terminar com uma sentença de morte. Os jurados após ouvirem considerações da acusação e defesa, saíram para deliberar secretamente. Quando voltaram, traziam nos lábios uma palavra cruel:

— Culpado!

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

René Le Guen é levado pela guerra contra os alemães, a lutar nos subterrâneos de Paris como «maqui», e assim aprende apenas a matar os «boches» sem indagar porquê. Dão-lhe dinheiro e quando a ocupação da França termina, com a entrada triunfal dos aliados na cidade, René volta para seu meio, embuído de uma idéia fixa: matar para viver!

Está outra vez sem dinheiro e faminto de amor, quando encontra Rachel, a pequena judia que não aceita os seus galanteios por que o considera um homem sujo. Rachel diz, então, que irá com êle se René conseguir o dinheiro do hotel. Aquilo é uma promessa e um incentivo e o jovem tem um plano quando um velho conhecido de sua mãe convida-o para beber em sua casa, a fim de festejar um dia de grandes lucros.

Pena máxima, a guilhotina! René Le Guen, um rapaz humilde que havia eliminado tantos alemães durante a ocupação, morreria na lâmina fatal porque aprendera ùnicamente a apertar um gatilho!

Os condenados à morte eram considerados heróis na prisão que ficava nos arredores de Paris. Um carro todo fechado trouxe para ali o jovem deliqüente René Le Guen. A entrega do prêso era feita com uma solenidade quase militar, tão rígidas eram as normas observadas. Soava o sinal e uma voz dizia nos microfones: «Corredores limpos! Todos para a parede!».

A porta do carro abriu-se e René viu a luz do dia. Para êle tudo parecia estranho e nem dava conta de sua situação. Julgava ainda que havia esperança de escapar. O advogado Arnaud, na febre de seu entusiasmo, muito natural na sua condição de jovem causídico, dera esperanças a René. O longo corredor apareceu à sua frente e com passo firme, entre os guardas, foi conduzido até sua cela.

Era um compartimento pequeno, com três camas. Foi apresentado sem maiores cerimônias aos seus novos companheiros, condenados como êle a morrer na guilhotina. Gino, vingara o pai e devia pagar sua culpa na sociedade. Assim é a lei, implacável para todos que erram. O outro, calmo, pelo menos aparentemente, era o dr. Dutoit. Dizia-se e René soube logo depois que êle havia envenenado a mulher para escapar com a amante. Dutoit repetiu-lhe como fizera desde que fôra prêso e julgado:

— Eu não matei minha mulher... eu não tinha amante!

René foi algemado nos pés e as correntes faziam um barulho desagradável. Dormiam pràticamente manietados, enquanto um guarda atrás de uma grade, um pouco acima do chão, olhava para êles, displicentemente.

Gino explicou ao rapaz:

— Aqui não se tem direito de escolher a maneira de morrer. Se tentares o suicídio, chegarão a tempo de evitar essa loucura. E quando resolvem que não há perdão, vêm de mansinho e agarram um de nós, levando-o para o Juízo final.

René compreendeu que a piscose de Gino era a chegada dos guardas encarregados da execução. A sua primeira noite na prisão foi cheia de sobressaltos. Gino não dormia, enquanto o Doutor roncava baixo. René estava cansado e quase poderia conciliar o sono, não fôsse Gino com suas constantes visões.

O guarda do outro lado da grade, dormitava, mas abriu os olhos quando Gino aproximou-se da pesada porta e pôs um ouvido, à escuta.

— Êles estão chegando! Tenho certeza! — murmurava, visìvelmente nervoso.

René ficou olhando o companheiro de cela. O doutor Dutoit estava acostumado, apenas abriu os olhos, reparou que Gino permanecia na mesma atitude, tornou a fechá-los e parecia dormir novamente.



O advogado Arnaud era moço e cheio de esperanças de salvar o jovem delinqüente René Le Guen. Os outros não acreditavam. Dutoit dizia sempre que não matara a mulher e nem tivera amantes. Ninguém acreditava, também! A irmã de René, a mundana Yvonne veio vê-lo na prisão para lamentar a sorte do rapaz. Ela dava-lhe nojo e pena, apesar de sua situação!





— Você não escuta? Êles estão se aproximando...

Mas, daquela vez Gino errara. Depois de alguns minutos de espera, sentou-se na cama, passou a mão pelo rosto e continuou com o mesmo olhar fixo e murmurando:

— E horrível! Essa espera me enerva. E não saber quem será o próximo.

Até então, René entendera que estava ali para morrer, mas diante do alarme de Gino, começou a pensar na sua sorte e em Michel, seu pequeno irmão, agora totalmente ao abandono. Naquela noite, René Le Guen abrira sua alma e o seu cérebro, mas o coração estava pesado demais para pulsar. Deixou escapar um leve suspiro e fechou os olhos. Precisava dormir, afinal. O cansaço era quase invencível!

★

No dia seguinte, os guardas trouxeram a comida que não era nada convidativa e René teve ímpetos de jogá-la fora. Era imunda e dava náuseas. Gino veio outra vez em seu socorro, esclarecendo:

— Quando vamos para a lâmina nos dão comida decente... Fazem a nossa última vontade!

O doutor Dutoit era um filósofo. Aceitava as culpas dos homens e estava disposto a perdoá-los pelos seus erros. Vivia queixando-se da injustiça:

— Eu não matei minha mulher... eu não tinha amante...

A sentença fôra proferida e o destino de Dutoit era a guilhotina, mesmo que fôsse um inocente. Seu drama era justamente êsse, o de saber que não havia remédio. Êle não acreditava nas palavras do advogado. Também êle dissera que o Presidente o perdoaria um dia antes da execução. Dutoit tinha vivido o bastante para aprender que não se deve enganar com aparências. O sorriso do causídico e sua confiança no perdão eram as melhores provas de que tal coisa não aconteceria, como de resto não acontecera a nenhum dos presos. Seria um milagre que o Presidente com um gesto humano, evitasse que a lâmina descesse sôbre o pescoço de um inocente. Êle era igual a todos os Presidentes que gostam de respeitar o Poder Judiciário e não estão dispostos a entrar em choques inúteis, para salvar a vida de um homem que julgue sem culpa, diante da sinceridade de suas afirmações. Até aquela data nenhum prêso dissera outra coisa quando o Juiz perguntava periòdicamente se considerava-se culpado ou inocente. Todos haviam respondido com firmeza na voz:

— Inocente!

O pressentimento de Gino teve razão de ser no dia seguinte, à noite. O páteo da prisão recebia os carros dos jurados que reuniam-se na sala do Procurador. Alguém morreria na guilhotina. Restava saber quem!

(Continua no próximo número)

SUCESSOS MUSICAIS

O L H A   O   S A R A P A T É

Baião de A. Carvalho, R. Lucas e Caco Velho

Gravação de Virgínia Lane

Bis { Olha o Sarapaté
Minha Sinhá
Tá quentinho pode levá.

No outro dia
No largo da Sé
Meu taboleiro com Sarapaté
Eu bem cedinho ia oferecer
A uma baianinha do meu bem querer.

Olha o Sarapaté
Tá quentinho pode levá
Vai levando Sinhá
Vai levando Sinhá.

Na minha vida me faltava tudo
E eu vivia numa solidão
Vendendo sempre meu Sarapaté
Eu consegui a venda do meu coração.

★

B A T E N D O   P É

Baião de Sílvio Viana e Mirabeau

Gravação de Carmem Costa e Colé

I

Vem morena,
Morena vem cá,
Vem morena,
Vem me consolá,
Se tu não vem
Eu vou chorar
Um ano inteiro
Eu vou gritar
Batendo pé
Vou reclamar
E se tu não atendê
Eu juro que vou sofrê.

II

— Ai, o amor
E' mesmo uma ilusão
Côro — Que Baião bom
Que Baião bom
Que nos maltrata o coração
Côro — Que Baião bom
Ai, morena
Vem me consolá.

★

R I S Q U E

Samba de Ari Barroso
Gravação de Zaíra Rodrigues

Risque meu nome do seu caderno,
Pois não suporto o inferno
Do nosso amor fracassado.
Deixe que eu siga novos caminhos
Em busca de outros carinhos.
Matemos o nosso passado.

Mas se algum dia talvez
A saudade apertar,
Não se perturbe,
Afogue a saudade
Nos copos de um bar.
Creia: tôda quimera se esfuma
Como a brancura da espuma
Que se desmancha na areia.

★

S I S T E M A   N E R V O S O

Samba-canção de Walter Batista, R. Roberti e A. M. Júnior
Gravação de Orlando Correia

Deu uma hora,
Deu duas horas
O silêncio em meu quarto
E' pavoroso
Na escuridão
Eu escuto seus passos,
No meu delírio
Ela volta a meus braços.
Ela abalou
Meu sistema nervoso.

Ela tôda noite aparece,
Me beija e foge
Através a vidraça.
No meu delírio me levanto
E abro a janela
E só o vento... o
Vento frio é que me abraça.

★

P E R D Ã O ! . . .

Samba de César Cruz

Do filme "Agulha no Palheiro"

Sucesso de Dóris Monteiro

I

Perdão
Se eu lhe fiz ingratidão
Perdão
Pois eu falei de brincadeira
Perdão
ó meu amor por compaixão
Perdoa
O meu pobre coração.

II

Pois você jurou
Não me perdoar
Só porque pedi seu coração...
Isso é natural
Coisa tão banal
Peço novamente perdão.

V I V O   C A N S A D O

Samba-chôro de J. Caetano e José Moreira

Gravação de Jorge Veiga

Eu vivo cansado,
De perambular;
Pelas ruas do Rio,
Sem tostão p'rá gastar;
Sou muito fraquinho,
Estou quase opilado;
Só acho quem diga,
E' um pobre coitado:
O cigarro que fumo,
Eu apanho no chão;
Há mais de três meses,
Não sei o que é feijão;
O terno que tenho,
Já virou frangalho;
Não tenho carinho,
Nem sei o que é trabalho.

Se durmo na rua,
O guarda me acorda;
Se não pago o china,
Eu sou caloteiro;
Se não pago o bonde.
Me chamam de carona;
Tudo só porque,
Não tenho dinheiro;
Só tomo banho,
Quando São Pedro abre a caixa;
Meu sapato de anjo,
Nem sola tem;
Sou fraco, sou raquítico,
Anêmico asmático;
Sou bacalhau,
De porta de armazém.

★

F Ô L H A   M O R T A

Samba-canção de Ari Barroso

Canta Dalva de Oliveira com Roberto Inglês e sua orquestra

Sei que falam de mim
Sei que zombam de mim
Oh, Deus! Como sou infeliz!
Vivo à margem da vida
Sem amparo ou guarida
Oh, Deus! Como sou infeliz!
Já tive amôres
Tive carinhos
Já tive sonhos
Os dissabores levaram minh'alma
Por caminhos tristonhos
Hoje sou fôlha morta
Que a corrente transporta
Oh, Deus! Como sou infeliz!
Infeliz!
Eu queria um minuto apenas
Pra matar minhas penas
Oh, Deus! Como sou infeliz.

★

SODADE, MEU BEM, SODADE

Canção de Zé do Norte

Sodade, meu bem, sodade
Sodade do meu amor
Foi simbora não disse nada
Nem uma carta deixou.

Os zoio da cobra verde
Hoje foi que arreparei
Si arreparace a mais tempo
Não amava quem amei.

Quem levou o meu amor
Deve ser um meu amigo
Levou pena deixou gloria
Levou trabaio consigo.

Arrenego de quem diz
Que o nosso amor se acabou
Êle agora está mais firme
Do que quando começou.

Quem tiver raiva de mim
Não podendo se vingar
Bote acorda no pescoço
Me dê a ponta p'ra eu puxar.

Sodade, etc.

★

MEU PAPAGAIO
(Baião)

De Zèdantas — Gravação de «4 Ases

Meu papagaio morreu — papagaio
Na enchente da maré — papagaio,
Por farta de quem dissesse — papagaio
Meu lôro da cá o pé — papagaio.

Me fizero catimbó,
Nunca vi tanto iscangaio,
Meu cachorro endoideceu,
Mordeu meu cavalo baio.
Deu morrinha em meu chiqueiro,
No meu rancho caiu um raio.
A muié fugiu de casa
Ficô só meu papagaio.
Mas, porém...

Mas de tôda essa caipora
A muié foi o atrapaio.
Desde que ela foi simbora
Que eu num como nem trabaio.
Vivo só pensando nela
E de casa eu num saio,
Iscutando o nome dela
No bico do papagaio.
Mas porém...

Sensacional!
CR.$ 50 ALBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40 ALBUM CRACK
CR.$ 5 CRACK
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733
À venda nas Bancas de Jornais

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde de Mararguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — para remessa do programa e bases do Curso.

A TINTA DO LAR
TINGE SAPATOS TIC-TAC TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS



Anne Vernon ama Rossano Brazzi no celulóide «Febre de Desejo», da Telefilmes. Anne Vernon é a nova sensação do cinema francês!

UM POUCO DE ANNE VERNON

A carreira de Anne Vernon — como a de muitas outras "estrêlas", iniciou-se um tanto bruscamente. Há alguns anos atrás, uma jovem (Édith Vignaud era o seu nome) freqüentava os corredores do teatro, querendo a todo custo ingressar na carreira artística. Ela havia nascido em 9 de janeiro de 1925 em St. Denis, nos arredores de Paris, e desde menina, sonhava em ser artista. "Estava escrito que eu o seria" — diz ela — "Sentia uma sensação curiosa de ouvir uma voz que dizia: "Serás artista, algum dia!". Mas êsse tal dia custava tanto a chegar...



Muito elegante, Anne Vernon! Pudera! Antes de entrar no cinema ela era desenhista de modas e vestir — bem deixou de ser um segrêdo!

Ao final da guerra em 1945, Anne quis entrar para o Conservatório de Paris; seus pais, porém, negaram-se e o mais que ela conseguiu foi ingressar na escola de Belas Artes. Durante 3 anos, ela trabalhou; para ganhar a vida, entrou como desenhista de modas nos "ateliers" de Marcel Rochas. Por essa época, o sonho de infância estava, pensava ela, em estado latente. O prosaísmo da vida exigia que Anne lutasse pela existência e deixasse os sonhos românticos de lado. Mas, ao mesmo tempo que criava modelos, lembrava-se da estranha voz que ouvira, e, impetuosamente, ingressou no curso de Tânia Balachova (um dos mais populares que existem na Cidade-Luz).

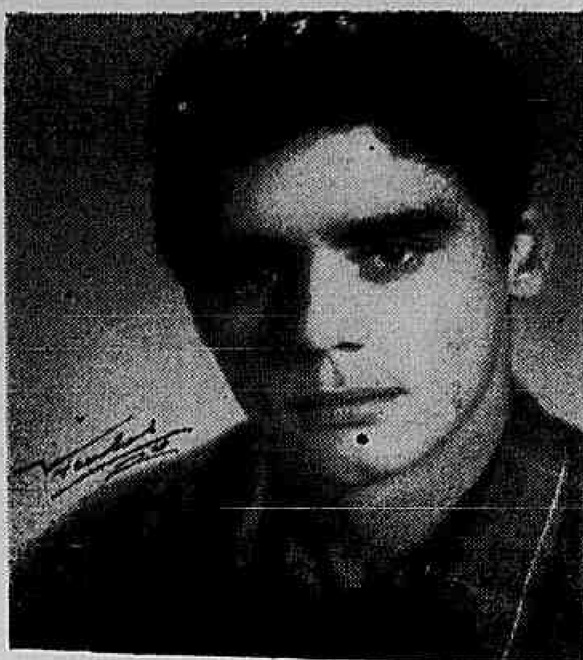
Anne (que usava o seu nome verdadeiro de Edith Vignaud) teve a felicidade de fazer a sua estréia em "Huit-clos" de Sarte. E seguiram-se outras peças, como "Jean - Baptiste, le mal-aimé", "Maria Antoinette" e L'Invitation au château", de Jean Anouilh, que entusiasmou a crítica. Esta disse: "Nasce uma nova "estrêla" dramática em Paris!".

Do palco para a tela, foi apenas um pulo. Ela foi convidada para um papel em "Le mannequin assassiné", filme policial que ela considera apenas como um "test". Por esta altura, Londres chamou-a, oferecendo-lhe um papel em "Warning to wantons", filme a ser dirigido por David Wilson. Com esta fita ela consagrou-se "estrêla" e mudou seu nome para "Anne Vernon", por ser de mais fácil pronúncia para os inglêses. Ela voltou a Paris, onde foi a intérprete de "Ainsi finit la Nuit", ao lado de Claude Dauphin, um bél romance de amor. Para os astros, também foi uma bela história de amor; assim nasceu um idílio na vida real. Anne continuou a filmar: "Pacto con il diavvolo", com Isa Miranda, na Itália; um pulo a Hollywood: "Extorsão", com Howard Duff. Volta a Londres: "A Tale of five cities", com um "all-star cast". Em Paris: "Il Rue des Saussaies", com Maurice Regamey. "Édouard et Caroline", com Daniel Céliu, "Massacre en dentelles", com Raymond Rouleau. Em Londres: "Clementine". Volta à Itália para "Febre de desejo" (Lanleggenda di Genoveffa), ao lado de Rossano Brazzi, que veremos breve. Na vida real, Anne Vernon é uma criatura encantadora, fina, culta, de forte temperamento, mas que continua simples e sincera. Na tela Anne é uma figura extremamente simpática, dona de um talento muito versátil. Anne Vernon continua a sua carreira de maneira brilhante, tendo recentemente terminado "Rue de L'Estrapade". Quanto ao seu romance com Claude Dauphin, pode ser que por essa altura já tenham casado... (Fotos Telefilmes e Press Cinema).



A carreira de Anne Vernon, uma figura das mais promissoras do cinema francês, começa de maneira auspiciosa e breve os brasileiros estarão assistindo seus filmes!

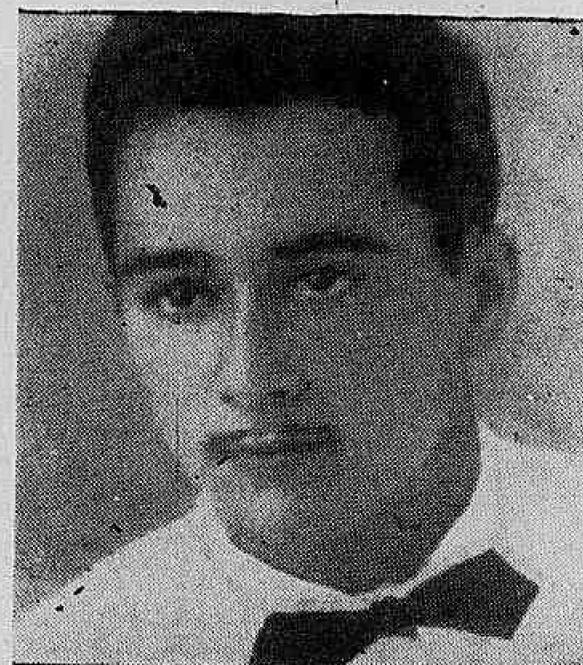
UM LUGAR AO SOL



Orlando Amaral, da rua Gomes Carneiro, 38, Ipanema, Distrito Federal, diz em sua carta que já apareceu como figurante no filme "Carnaval Atlântida". Espera uma oportunidade, pois seu maior desejo na vida é ser artista de cinema !



Walter Junqueira Marqui, de São José do Rio Pardo, tem 1,71 de altura, pesa 64 quilos e deseja ardentemente ingressar no cinema brasileiro, aceitando para começo mesmo papéis pequenos. É um idealista que lutará até vencer !



Luís Paulino Rodan, da Rua Borja Reis, 65, casa 4,Engenho de Dentro, Distrito Federal, já venceu um concurso na Televisão Tupi, mas sua alegria será ingressar no cinema nacional. Aqui está a foto e esperamos que os produtores de filmes brasileiros notem a fotogenia do rapaz.

PÁGINA DO Leitor

CORREIO DE "A CENA"

★ O leitor José Comparatto, do Hospital das Clinicas, S. Paulo, escreve: "... como poderei ingressar no cinema e a publicação de minha foto em "A Cena".

Caro José, já providenciamos a publicação de sua foto, como deve ter visto. Quanto a ingressar no cinema nacional, deve aguardar sua oportunidade e o melhor que faz é procurar os produtores de filmes brasileiros, ai em São Paulo. Desejamos-lhe felicidade. Envie sua opinião sôbre a nova fase de "A Cena". Ok?

★ Jarbas Monteiro, do Rio de Janeiro, diz em sua extensa carta à nossa redação:

"Sendo um leitor assiduo desta revista, há mais de 10 anos, venho acompanhando, com interêsse, tôdas as fases da mesma, sempre com crescente entusiasmo, lamentando algumas coisas e louvando outras, sem no entanto, até hoje, enviar nenhuma opinião. Hoje, sirvo-me desta para enviar-lhe os meus muitos sinceros parabéns pelo aspecto presente de nossa querida "Cena Muda".

Prezado Jarbas Monteiro, cartas como a sua deveriam chegar diàriamente à nossa mesa de trabalho, para nos estimular na tarefa de realizar os números de "A Cena" cada vez mais atraentes. Sua foto já foi publicada na seção "Um lugar ao sol". Obrigado pelas referências elogiosas e escreva sempre, pois será um prazer atender leitores como você.

★ A leitora Vera Cecilia, da rua D. Bernardo José de Lorena, Osasco, Estado de São Paulo, escreve:

"Leitora constante dessa conceituada revista e principalmente da seção "Sucessos do Momento", venho solicitar..."

Prezada Vera Cecilia, sua carta foi encaminhada ao redator responsável pela referida seção, para ser atendida muito breve. Mande uma opinião sôbre a nova fase de "A Cena" e uma foto para a Galeria dos Leitores. Combinado?

★ A gentil leitora Glória Costa Marques, do Rio de Janeiro, escreve em sua carta:

"Tomo a liberdade de escrever, a fim de solicitar-lhe a gentileza de, por intermédio da seção "Apresentando", publicarem um retrato dessa grande atriz, que é Gloria Grahame".

Seu pedido será atendido, Glória Costa. Continue escrevendo. Envie uma foto para a seção Galeria dos Leitores. O nosso nome não vem ao caso, mas você terá ocasião de ver, muito breve, uma reportagem de Gloria Grahame em nossas páginas.

★ O leitor César da Costa Mattos Júnior, de Riachuelo, Distrito Federal, escreve:

"E' com grande prazer que envio uma fotografia minha para a Galeria dos Leitores. Gostaria, também, que v.s. publicasse uma reportagem sôbre Linda Darnell".

Muito bem lembrado, César Mattos. Vamos providenciar a reportagem que você pede. Obrigado pelo retrato. Continue escrevendo.

★ O leitor Luis Paulino Rodan, da rua Borja Reis, Distrito Federal, envia sua foto para a seção "Um lugar ao sol". Acusamos o recebimento e vamos publicá-la nesta página.

★ O leitor Paulo Roberto, do Distrito Federal, envia uma colaboração sôbre o filme "Atlântida".

★ O leitor Araken C. Pereira Júnior, de Santos, São Paulo, escreve em sua carta:

"agradecer a publicação de meu trabalho e aproveito o ensejo para enviar outro".

Muito bem, Araken Pereira, continue colaborando com "A Cena", pois de leitores entusiastas como você é que nós precisamos. Mande uma foto para a "Galeria dos Leitores". Combinado?

A VITÓRIA DE "O CANGACEIRO"

Do leitor GERALDO EDSON

O triunfo do Brasil, conquistando dois dos mais destacados prêmios no certame cinematográfico de Cannes, trouxe para todos os que acreditam no cinema nacional, a confirmação das nossas possibilidades na sétima arte. Desrespeitando a opinião de muitos entendidos, que dizem não têrmos futuro na cinematografia, aí está «O Cangaceiro» vitorioso perante uma das platéias mais cultas em matéria de cinema; revelando o talento criador de Lima Barreto, anteriormente já bastante conhecido, em virtude de haver realizado duas pequenas obras-primas de curta metragem: «Painel» e «Santuário», ambas elogiadíssimas em festivais europeus. Agora, com seu primeiro filme de ficção, Lima Barreto chegou ao apogeu de sua carreira, assinando uma obra de estruturação rebuscada, capaz de ser exibida em qualquer competição cinematográfica importante, pois a sua película veio dealbar a nossa pobre indústria de filmes, elevando-a galhardamente no mundo.

Sob todos os aspectos, a realização de Lima Barreto merece os nossos sinceros aplausos, mormente se levarmos em conta o seu tema genuìnamente brasileiro e ainda inexplicàvelmente esquecido pelos nossos cineastas: o cangaço nordestino.

Auxiliado por técnicos eficientes, entre os quais destaco o fotógrafo britânico Chick Fowley, o diretor patrício pôde compor um celulóide de qualidade, um legítimo orgulho para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz que, com essa película, alcançou o seu segundo êxito. Como se sabe, a Vera Cruz já havia produzido anteriormente o filme dirigido por Adolfo Celli «Caiçara», também possuidor de ótimas qualidades plásticas e supervisionado por Cavalcânti, o famoso diretor nacional que, a convite da emprêsa bandeirante, dirigiu por alguns meses, a companhia. Depois de uma série de desacordos, Cavalcânti deixou a Vera Cruz, levando com êle as esperanças dos que tinham fé em sua pessoa, e terminando com os prognósticos que se faziam em tôrno do grande estúdio de São Paulo, cujas realizações seguintes foram fitas fracas, muito embora de notável acabamento técnico, como foi o caso de «Veneno» e «Apassionata».

Com a apresentação de «O Cangaceiro», o cinema indígena recuperou o inigulável valor que possui a Vera Cruz, que muito pode fazer para o engrandecimento da nossa indústria fílmica, pois está capacitada para produzir grandes espetáculos, como foi demonstrado com a obra de Lima Barreto. Se, de agora por diante, o nosso cinema continuar apresentando filmes que ao menos sigam de perto o rastro de «O Cangaceiro», então, tenho a certeza de que a cinematografia nacional venceu brilhantemente. Lima Barreto mostrou o verdadeiro caminho; agora é preciso que outros o acompanhem para a vitória final.

CRÍTICA DO LEITOR:

"OS QUE NÃO DEVEM NASCFR"

Do leitor **HUMBERTO DIDONET**

REALIZOU-SE sábado último, na sede do Centro Cultural Eduardo Prado, com absoluto êxito, o primeiro duma série regular de debates sôbre cinema. Cientes de que o cinema é uma poderosa arma que expande e impõe idéias e costumes, um pugilo de jovens estudiosos se reuniu para discutir, com apaixonante interêsse, os diferentes aspectos (artístico, cultural, ideológico, ético) do filme: OS QUE NÃO DEVEM NASCER. E assim o fará semanalmente, em tôrno de algum filme em cartaz. E aqui vai a síntese das considerações em tôrno dêsse filme dinamarquês.

Aspecto literário-artístico. É notável o alto nível literário (história de Martin Anderson Nexo) e artístico na tradução cinematográfica da Nordisk Filmes. **Bons elementos para desenvolvimento do drama** (a história e o ambiente realistas, as manifestações expressivas da maldade e bondade humana, as lutas interiores e exteriores da alma infantil e inocente da órfã Ditte); **contrastes interessantes** e bem urdidos (a maldade de Soerine e a inocência da filha; o dinheiro que Soerine rejeita leva a mesma a estrangular a mãe; Ditte é odiada pela mãe e amada pelo padrasto, e numerosos outros detalhes); a **fotografia** nítida, com excelentes transições e superposição de imagens; a admirável **naturalidade dos artistas**, inclusive das crianças; a **valorização máxima do elemento humano**: não há malabarismos de cenários e de «toilette», ressaltando em sua plenitude e crueza o intenso drama humano; tudo isso torna OS QUE NÃO DEVEM NASCER um espetáculo absorvente que prende, de princípio a fim, a atenção do espectador amante do gênero dramático.

Relativamente ao **conteúdo ideológico do argumento**, cabem numerosas considerações. Se é verdade que não aparece com clareza o intuito do escritor ao apresentar essa história, se é também verdade que não é exata e caracterização do argumento feita pela propaganda sensacionalista, a qual resume o filme na apresentação dum problema sexual, é sem dúvida de louvar a focalização do **meio rural**, em contraposição à maioria dos filmes que tocam problemas e aspectos da vida urbana. E é justamente êsse o que nos parece o **tema central**: nem ùnicamente o problema sexual, nem exclusivamente as lutas, os sofrimentos e revezes da jovem Ditte, nem o comportamento desequilibrado da infeliz Soerine, mas, numa visão mais ampla, a situação de abandono, de baixo nível econômico, cultural e religioso do povo numa determinada zona rural. Basta só lembrar a impotência dêsse povo em defender-se contra os violadores (fôssem êles ricos fazendeiros ou jovens carolas e sem a personalidade máscula que os princípios religiosos profundamente vividos outorgam) de indefesas jovens.

Nem por isso nos pareceu, conforme alguns intérpretes apressados e subjetivistas, que a pressão das circunstâncias, do meio, e em especial no caso de Soerine, o grave distúrbio psicológico causado pela sua situação de mulher descaridosamente desprezada pelo povo local, nem por isso nos pareceu que todos êsses fatôres tornassem os personagens que erram totalmente isentos de responsabilidade moral, e fôssem levados ao crime e a atitudes anti-sociais por uma fôrça cega, fatalmente determinante para o mal. Evidentemente Soerine, ao ser tentada a fugir de casa tinha o bom exemplo e a compreensão dos pais para evitar êsse gesto abrupto; tinha o apoio do marido e da comunidade local às vésperas da celebração do casamento; tinha a inocência da filha e o abandono da velha mãe, como fôrças coercitivas à prática dum horrível furto aliado ao matricídio.

Em resumo, como produção que focaliza problemas sociais, especialmente no meio rural, merece aplausos, pois alerta os responsáveis e interessados; pelo seu tom um tanto fatalista e pessimista que admite a supremacia despótica e invencível das fôrças do mal, merece reparos, por não estar de acôrdo com um realismo filosófico e religioso construtivo.

ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS

Para escrever ao seu artista predileto, basta enviar sua carta aos seguintes endereços:

HOLLYWOOD

Col — **Columbia Pictures**, Hollywood, California, U.S.A.E.L. — **Eagle Lion Studios**, 1324, Santa Monica Boulevard, Los Angeles, California.
W. D. — **Walt Disney Productitions**, 2 400 W. Alameda Avenue, Burbank, Calif.
Par. — **Paramount Pictures**, 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif.
Rep. — **Republic Pictures**, 4024, Radford Avenue — Hollywood, Calif.
R.K.O. — **RKO-Radio Studio**, g80 Gower Street, Hollywood, Calif.
S.G. — **Samuel Goldwyn**. 1041 N. Formosa Avenue.
Sel. — **David Selznick**. Washington Boulevard Culver City, Calif.
20th.C. — **20th, Century-Fox Studios** — Box nº 900, Beverly Hills, Calif.
U.A. — **United Artists Studios**, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, Calif.
UNIV — **Universal International Films Inc**. Universal City, Calif.
WB — **Warner Bros. Studios**, Burbank, Calif.

BRASIL

Atlântida Cinematográfica — Rua México, 51.
Astra Filmes — Sta. Luzia nº 285 — Telefone: 32-7588.
Botelho Filmes — Jorge Rudge nº 37 — Telefone: 48-2111.
Brasil Vita Filmes — Rua Conde de Bomfim nº 1331 — Telefone: 38-3497.
Capital Filmes — Avenida Franklin Roosevelt nº 126 — Telefone: 42-3175.
Cinédia — R. V. Buenos nº 30. — Telefone: 48-1653.
Alexandre Wulfes — R. Paulino Fernandes — Telefone: 26-8132.
Tropical Filmes — Av. Calógeras nº 52 — Telefone: 52-4441.
Cinematográfica Sol Brasileira — R. Argentina nº 51 — Telefone: 48-0381.
Cine Produção Fenelon — R. Álvaro Alvim nº 24 — Telefone: 42-1551.
Imperator Filme Ltda — R. México, 7-b — Sala 606 — 6º andar.
Vera Cruz — Major Diogo, 311 — S. Paulo.
Intercontinental Filmes — Av. Amaral Peixoto nº 178 — 5º andar — Niterói.
Filmoteca Cultural — Rua Álvaro Alvim nº 33/7 — Telefone: 42-0651.
Maristela — Edifício Otávio Guinle — São Paulo.
Flama — **Rua Laranjeiras, 291** — Telefone: 25-6820.
Sacra Filmes — Rua Evaristo da Veiga, 16 — 8º andar, sala 807.
Juventus Filmes — Pres. Vargas, 446 — 22º andar — Sala 3307 — Caixa Postal 3244.

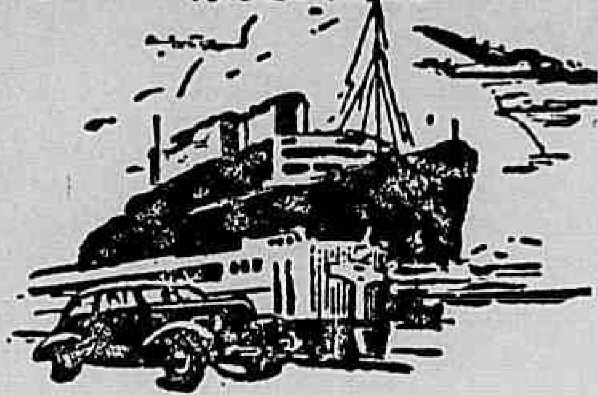
SÔBRE "LUZES DA RIBALTA"

Do leitor **ASCLEPÍADES POMMÉ**

AVENTURAR-SE a crítica, em qualquer de seus ramos, constitui sério perigo. Mas, não recuamos ante os riscos que se nos apresentam e enveredamos pelo mais difícil gênero, talvez: a crítica cinematográfica. O cinema, nos dias de hoje, tornou-se um dos mais altos e perfeitos porta-vozes do espírito humano. «Luzes da Ribalta», a produção com que Charles Chaplin nos brinda, reflete de modo categórico e incisivo as palavras anteriores.

A película de Carlitos trouxe-nos a mente tôda a sua obra, desde as comédias do cinema mudo até o atualizante «Monsieur Verdoux». Em todo o longo e luminoso percurso percorrido, jamais o Carlitos que nos faz misturar risos e lágrimas, alcançou a perfeição e a consagração dêste «Luzes da Ribalta». A sua alma de legítimo cineasta e de grande homem extravasa-se nas cenas de «Luzes da Ribalta», penetrando a fundo nos corações e cérebros dos espectadores, fazendo-os viver e participar da película, com a sua filosofia humana e comovente, satírica e momentosa. Desde o enrêdo original, a música cariciosa, da interpretação soberba à direção magestosa, em tudo, sentimos Chaplin com seus dramas e suas alegrias e o amor que vota a humanidade e a vida, «que deve ser vivida, sofrida e gozada».

«Luzes da Ribalta» venceu. Significa ela não apenas a vitória de um homem corajoso e da arte cinematográfica, mas do sentimento humano nos mais longos vôos que realizar. Com êste «Limelight», Charles Chaplin, o nosso Carlitos merece sem contestação, ao lado do Einstein soberbo de «Ivan, o terrível» e do Jean Cocteau inigualável de «Orfeu», o título de GÊNIO, na mais alta acepção que essa palavra possa encontrar.



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.
b) — Resgate por antecipação;
c) — Resgate por falecimento;
d) — Dividendos ou bonificações anuais;
e) — Seguros contra acidentes pessoais;
f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;
g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;
h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.
Agências e Sucursais em todos os Estados
TELEFONE: 43-3475

O SIMPLÓRIO AUDIE...

(Cont. da pág. 14)

Quis dizer que êle andava na trilha certa, mas calei, Audie é simplório e destituído de vícios modernos, como a vida noturna, por exemplo. E' galã sòmente nos filmes. Gosta do lar, do seu filhinho e de sua espôsa. Com ela reparte os seus momentos de felicidade e não tem motivos para abandonar a tranqüilidade de seu rancho pelas aventuras que vive nos filmes.

— Cinema é cinema. Prefiro a vida real.

Disse-me êle, despedindo-se sempre com o mesmo sorriso e os mesmos olhos muito vivos e inteligentes. Gostaria de conhecer tôdas as suas fãs e dar-lhes autógrafos, pessoalmente. Sabe que isso é impossível, e portanto, limita-se a sonhar. Acha que dêsse modo tem uma preocupação, um ideal, já que no cinema onde encontrou seu meio e seu tipo, tão cedo não mudará. (Fotos Universal).

OS "ASTROS" E A. . .

(Cont. da pág. 25)

que distribui ao público por tôda uma história diferente, ainda mais atraente pelo relêvo.

Nestas páginas estão os flagrantes da «premiére» do «Veio do Espaço», com o desfile elegante e cheio de sorrisos dos artistas que estão interessados na Terceira Dimensão, muito mais que seus próprios fãs, pois compreendem que sua arte abalada por uma crise passageira retoma sua posição destacada no mundo das diversões, dando uma prova de vitalidade. A curiosidade dos «astros» e «estrêlas» em tôrno da Terceira Dimensão, vai aqui nesta reportagem onde se apresentam artistas famosos, perfeitamente identificados com o sucesso da 3-D, e aplaudindo que assim seja! (Fotos Universal).

CINE-TRAILER

(Cont. da pág. 10)

de vista com respeito aos clássicos. Desesperado e desiludido, Stephen foge para o sul e Jeanie, a irmã mais jovem de Inez, que sempre amara o jovem compositor em segrêdo, persuade Dunning a ir com ela à sua procura. Êles encontram-se, finalmente, em Natchez, onde são todos envolvidos numa luta corporal quando um homem insulta Jeanie. O resultado dessa luta é que faz com que Stephen chegue à conclusão de que Jeanie é a garôta a quem êle realmente ama e é para ela que êle escreve outra de suas imortais canções, «Jeanie With the Light Brown Hair».

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO .. ..

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CINE-VARIEDADES

(Cont. da pág. 11)

HA ALGUÉM da Colúmbia com uma idéia fixa que merece ser estimulada. Trata-se do próprio «chefão», Harry Cohn, homem que pensa no presente, mas não esquece o futuro. Êle acha que seria muito interessante preservar os momentos culminantes da arte da representação e por isso mesmo está pensando muito sério em fazer uma espécie de «Revista de Todos os Tempos», mostrando Helen Hayes, num instante dramático; Groucho Marx, no seu programa de TV; Toscanini regendo sua orquestra. Betty Hutton atuaria no filme como mestre de cerimônias. Vamos apoiar a idéia, pessoal?

RAY MILLAND foi escolhido para viver na Warner o papel central de «Dial «M» for Murders», extraído de uma peça famosa que faz sucesso em Londres e já emocionou a platéia de New York. Alfred Hitchcock será o diretor, e isso significa, apenas, que o filme terá mistério e «suspense». E nem poderia ser de outra forma!



COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120. —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Nada supera o prazer de fumar Hollywood

CIGARROS

hollywood

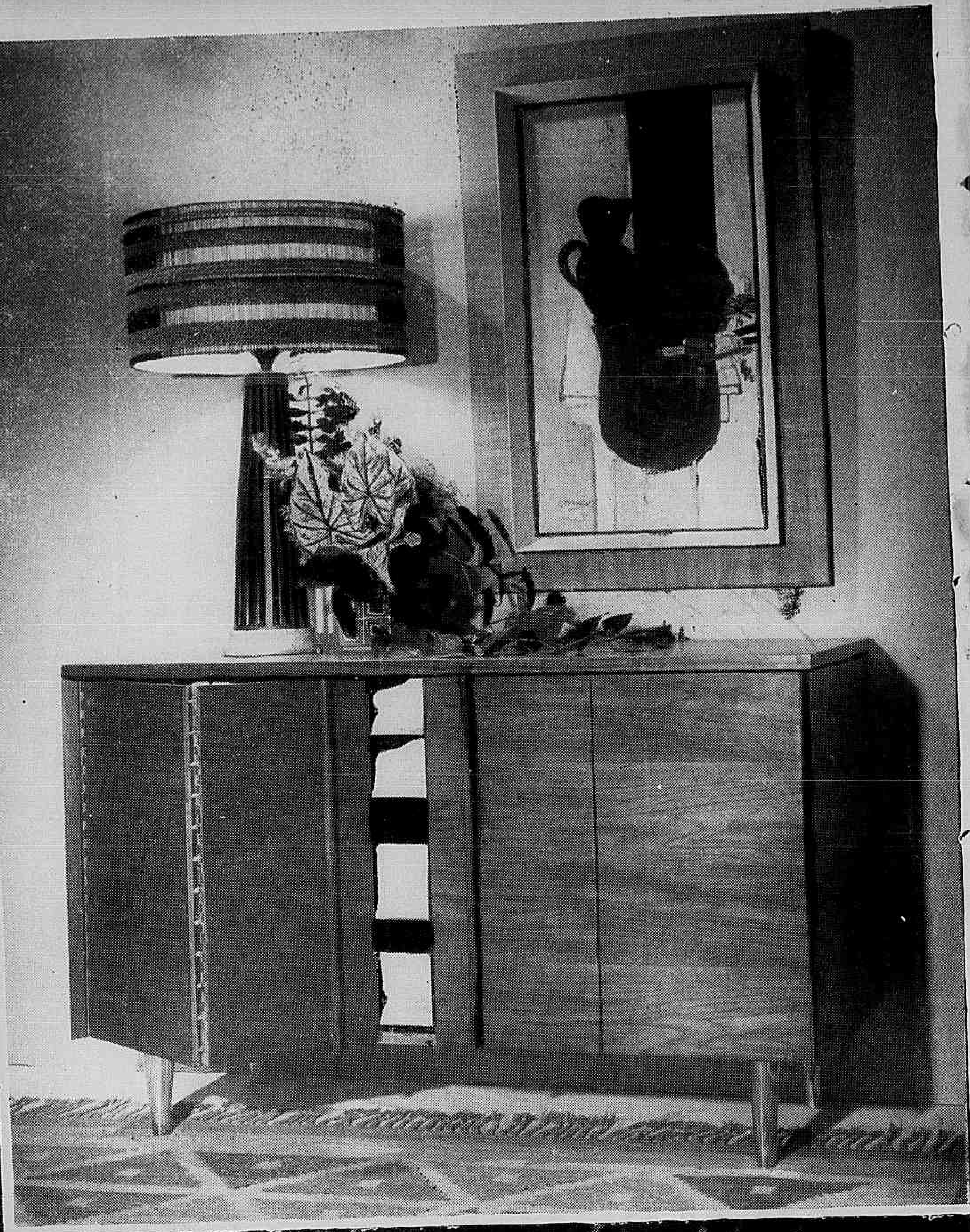


UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.209







Óleo de peroba dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos móveis velhos